PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
16 Setembro de 2015
Nº **153/154** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

24 de Setembro
Embaixada de Portugal
em Bruxelas

ENTREVISTA | Pág.4

Cultivar a Cultura

Luís Reguengo Machado, presidente da Câmara Municipal de S.ta Marta de Penaguião, vê a cultura como a mola impulsionadora do concelho.

«Índia», de António L. Marques

«Maputo, (Hulene). 2003», de João Schwalbach

Fotografia de João Fumane

«A alegria é como um rio, corre sempre em mim», de Clara Ramalhão

ARTE | Pág.15

«Os Médicos Fotógrafos»

Exposição na Ordem dos Médicos do Norte, Porto, de 16 a 29 de Setembro

MEMÓRIA | Pág.12

Bento da Cruz [1925-2015] O Barroso sempre presente

Por Ramiro Teixeira

MÚSICA | Pág.21

E se falássemos de Música

Por Miguel Leite

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef.: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís
António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | **Helder Pacheco**
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | **Levi Guerra**
Lídia Jorge | Mário Cláudio
Miguel Cadilhe | **Miguel Veiga**
Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | **Alberto Cadilhe** | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | **Artur Serra Araújo**
Carlos Cabral Nunes | **Carlos Tavares** | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | **Francisco d'Eulália** | Francisco Noronha
Francisco Simões | **Guilherme d'Oliveira Martins** | Helena AM Pereira
Jorge Leandro | **Jorge Sanglard** | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | **Manuel Sobrinho Simões**
Manuela Aguiar | **Maria Antónia Jardim** | Maria José Maya **Martinho Soares** | Miguel Leite | **Mónica Baldaque**
Paulo Ferreira da Cunha | **Ramiro Teixeira**
Rodolfo Alonso | **Rudesindo Soutelo** | Silvina Pereira | **Vasco Rosa**

PARCERIAS

APOIOS

Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do BancoBIC

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

Horácio nasceu 65 anos antes de Cristo e foi um dos maiores poetas da Roma antiga.
Sempre que começo a rasurar o que escrevo lembro-me de um dos seus pensamentos mais emblemáticos, e cito: "Para escrever é preciso pensar bem. Quanto mais rasurares mais o que escreveres será digno de ser lido".
Pois é sabido que ao computador o rasurar é o apagar e o voltar ao princípio vezes sem conta. É o que acontece quando se escolhe um tema delicado e difícil.
Não posso, neste recomeço editorial, deixar de me debruçar sobre a questão dos refugiados. As imagens do êxodo absurdo e cruel não me dão tréguas. Qualquer conversa nestas últimas semanas acaba em emigração, imigração ilegal e refugiados, ou seja, acaba em gente que sofre porque parte, porque foge, porque desespera.
E o medo instala-se. Sim, o medo de que o mundo livre e democrático não tenha capacidade, serenidade e bom senso para avaliar, com respeito pelos direitos humanos, tudo o que de repente vai contra a ordem normal.
Medo de que o impulso humanitário resulte no desequilíbrio social que desague no caos.
Claro que é de seres humanos que se trata e como diz o poeta "nada do que é humano nos pode ser estranho". Mas acontece que no meio da miséria que nos inquieta a alma e nos corta a respiração, há que pensar nos que se aproveitam da miséria alheia para se infiltrarem e concretizarem os seus objectivos terroristas.
Sophia alertou: "Vemos, ouvimos e lemos, não podemos ignorar".
Assim como não podemos, nem devemos ignorar a dor alheia, também não podemos, nem devemos deixar de prestar atenção aos sinais, às mensagens, aos vídeos que recebemos diariamente e que mostram o processo perigosamente crescente da "islamização" do mundo ocidental.
Sim, temos de ser solidários, temos de dar as mãos, matar a fome e a sede e cuidar de refugiados que fogem à guerra, à fome, à miséria física e moral. Há essa responsabilidade universal, mas também há que estar atentos. Não acredito em gente que grita exaltada e a gesticular furiosamente que quer ir para a Alemanha, para a França ou para a Inglaterra, apresentando-se como "refugiados" de corpo bem musculado e usando ténis t-shirts de marcas caras, e a dizer que depois de instalados vão buscar as famílias! Não! Os refugiados não reivindicam!
Os governos, as instituições públicas e privadas, as pessoas singulares e colectivas que acreditam e se pautam pela solidariedade entre os povos e praticam a Declaração Universal dos Direitos Humanos são obrigados a estabelecer planos de ajuda humanitária aos refugiados e aos imigrantes que arriscam a vida por uma vida melhor, mas atenção!
Goethe dizia que "fazer é fácil, pensar é difícil e fazer como se pensa é muito difícil".
Até ao momento em que escrevo estão contabilizados 8 milhões de refugiados que fogem à guerra da Síria.
A todos desejo boas leituras em artes feitas

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Arranque do 19.º ano do ICAFG

As aulas no Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes (ICAFG), no Porto, arrancam amanhã (17 de Setembro), estando ainda abertas as inscrições para o novo ano lectivo. A sessão solene que assinala a abertura do novo ano do ICAFG está marcada para o dia 6 de Outubro, no Auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, a partir das 17h30. Presidida pelo bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, a sessão contará com o presidente do Centro Nacional de Cultura, Guilherme d'Oliveira Martins, para a «Sapientiae lectio», com o título «Cultura e Sabedoria - Que Importância Social». O homenageado deste ano, o 19.º do Instituto, será D. António Couto, bispo de Lamego e professor do ICAFG, cuja «Laudatio» será feita pelo padre Anselmo Borges.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT
À venda, para além dos locais habituais:
Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis

Guilherme d'Oliveira Martins
presidente do CNC

800 Anos da Magna Carta...

Ao celebrarem-se os oito séculos da «Magna Charta Libertatum» (1215), nada melhor do que recordar Isaiah Berlin, autor de «A Busca do Ideal» (trad. portuguesa de Teresa Curvelo, Bizâncio, 1998), um dos grandes pensadores políticos do século XX, para quem o pluralismo é conquista essencial da tradição iniciada pela primeira pedra do constitucionalismo moderno. Falar hoje da Magna Carta de 1215 é, antes do mais, lembrar que é um instrumento primordial de limitação do poder e consagração do princípio segundo o qual só pelo compromisso entre os diferentes atores de uma sociedade e através do pluralismo de valores, não confundível com relativismo, é possível organizar a vida social e política. Sabemos as condições adversas que levaram João Sem Terra a aceitar as exigências impostas pelos barões do reino, que invocaram os ancestrais direitos definidos na invasão normanda do século XI. Também conhecemos a reserva mental que o monarca tinha relativamente aos constrangimentos consagrados. O certo, porém, é que a evolução histórica levou a que a Magna Carta se tenha tornado, simbolicamente, o primeiro elemento da mais antiga Constituição material em vigor, tal como hoje a entendemos, com influência decisiva nos séculos subsequentes, em especial até à Gloriosa Revolução (1688-89) – que estabilizou e aprofundou as orientações fundamentais impostas pela nobreza ao frágil soberano e depois assumidas pela Câmara dos Comuns. Há dois domínios em que o documento histórico é decisivo, sendo de enfatizá-los menos pela sua originalidade do que pela permanência e durabilidade: um respeita às garantias criminais, no tocante ao «habeas corpus» e à proibição de condenação sem culpa formada ("Nenhum homem livre será preso, aprisionado ou privado de uma propriedade, ou tornado fora-da-lei, ou exilado, ou de maneira alguma destruído, nem agiremos contra ele ou mandaremos alguém contra ele, a não ser por julgamento legal dos seus pares, ou pela lei da terra"), e o outro refere-se à impossibilidade de lançamento de tributos a pagar, na circunstância pelos senhores feudais, sem o respetivo consentimento. Se o primeiro ponto tem a ver com os direitos individuais, o segundo reporta-se à organização do Estado, apresentando a matriz do que Montesquieu referirá como separação e interdependência de poderes, pedra angular do constitucionalismo. E se é a continuidade o elemento inovador da Magna Carta, tal deve-se à consagração de um modo concebido pelos barões (que João Sem Terra não aceitou) de assegurar o respeito dos compromissos assumidos no que hoje designamos por representação e que daria lugar ao consentimento dos cidadãos em matéria tributária – «no taxation without representation». Trata-se da cláusula 61.ª, conhecida como "de segurança", a mais extensa do documento, que estabelecia uma comissão de 25 barões, com poderes para alterar uma decisão régia, até mesmo pela força se necessário. Assim, apesar da grande fragilidade inicial da Magna Carta, o certo é que o tempo veio a revelar a indispensabilidade dos instrumentos aí consagrados. A Magna Carta de 1215 só ganharia, porém, uma força estatutária (ou constitucional) em 1225 e sobretudo em 1297. Nesse sentido, o simbolismo do documento não deve ser visto como se tratasse de uma revolução, mas sim como o início de um processo longo, consolidado em vários séculos – e sempre tendo em conta os direitos patrimoniais e a proteção da liberdade individual...

Perguntar-se-á por que razão se invoca Isaiah Berlin a propósito de um acontecimento histórico, aparentemente distante das preocupações do célebre autor de «Dois Conceitos de Liberdade». A razão é mais simples do que se possa supor à primeira vista. Antes de mais, a Magna Carta não é um modelo de organização que se tenha imposto à sociedade. A versão inicial, em especial a cláusula 61.ª, que viria a revelar-se como decisiva para a continuidade constitucional, só tardiamente se imporia. Nesse sentido, encontramos o rudimento de algo que só muito mais tarde se imporá, e que Berlin compreendeu muito bem: as liberdades afirmam-se em concreto e não de forma abstrata, e os poderes para se exercerem têm de se compensar e limitar mutuamente (como Montesquieu bem nos disse, sobretudo nas «Cartas Persas»). Lembremos o que I. Berlin afirma: «O pluralismo, com a dose de liberdade 'negativa' que acarreta, parece-me um ideal mais verdadeiro e mais humano do que os objetivos dos que procuram nas grandes estruturas disciplinadas e autoritárias o ideal do autodomínio 'positivo' de classes, de povos ou de toda a humanidade». O que sucedeu em 1215 tem a ver com o código genético da organização política moderna centrada no pluralismo, na separação e interdependência de poderes e na descentralização, que constrói a legitimidade a partir das pessoas e dos poderes locais. Também por isto mesmo John Gray tem chamado a atenção para que não se confunda pluralismo e liberalismo – que o mesmo é dizer que não se julgue que os modelos de organização são exportáveis ou podem ter vocação universalista. Pensar que o modelo de Westminster é reproduzível noutra cultura é simplificação perigosa. Por outro lado, é fundamental compreender a incomensurabilidade e a conflitualidade entre valores. «Ao fim e ao cabo, os homens escolhem entre valores fundamentais; e fazem as escolhas que fazem, porque a sua vida e o seu pensamento são determinados por categorias e conceitos morais essenciais que constituem de todo o modo ao longo de vastos períodos de tempo e de espaço, uma parte do seu ser, pensamento e sentido da sua própria identidade; parte do que os torna humanos». A verdade é que muito se tem discutido sobre os dois conceitos de liberdade de I. Berlin, que já conhecíamos através da análise de Benjamin Constant. Afinal, os sistemas de valores nunca são internamente consistentes. O conflito de valores está sempre presente na vida humana: liberdade versus igualdade, justiça versus misericórdia, tolerância versus ordem, liberdade versus justiça social, resistência versus prudência... Daí que a liberdade dita negativa deva articular-se com a noção crucial de pluralismo. Não estamos perante interpretações diferentes do conceito de liberdade, mas diante de atitudes distintas. E cada uma destas procura um valor fundamental «que histórica e moralmente, tem o mesmo direito de ser incluído entre os interesses mais profundos da humanidade»...

A atitude intelectual própria de Berlin situa-se no combate ao pesadelo do determinismo. O homem afirma-se porque decide. O fatalismo é contraditório com a humanidade. O respeito mútuo, a compreensão das diferenças e o uso da razão marcam a sociedade em que vivemos, como um espaço fecundo em que somos livres, mas sabemos que nunca atingiremos a idade de ouro. E a Magna Carta, na sua aparente fragilidade, aponta nesse sentido.

NOTA
Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

A cultura "cultiva-se" e nasce "Douro Vivo", o Museu!

Luís Reguengo Machado, Presidente da Câmara Municipal de Santa Marta de Penaguião, em entrevista ao AeL, garante que a sua prioridade é a cultura, sendo que a vê como mola impulsionadora do desenvolvimento económico e social do concelho. O autarca quer que Sta. Marta seja a Padroeira da Região demarcada, e nesse sentido vai nascer o museu do vinho, ao ar livre, um museu ímpar que vai encantar e deliciar com cores, cheiros e sabor do vinho fino»!

MARIA JOSÉ GUEDES

Santa Marta de Penaguião tem feito um longo e difícil percurso no sentido de, também se afirmar como Concelho «cultural» desta geografia. Considera que esse percurso tem sido reconhecido pelas demais entidades oficiais e mesmo no âmbito privado? De que modo?
A afirmação de Santa Marta passa pelo seu enraizamento cultural. Isto é, entendemos que só é possível afirmar um concelho numa região ou num país através da sua cultura e do seu conhecimento. Por isso, a nossa primeira prioridade enquanto autarcas foi eleger o investimento na cultura e no conhecimento como prioritário e essencial para o desenvolvimento económico. Somos convictos defensores que a cultura de um povo é o principal fator do seu sucesso socioeconómico. É, pois, com muita satisfação que sentimos o reconhecimento de todos os paceiros pelo trabalho até agora por nós desenvolvido, cientes que ainda temos um longo e difícil caminho a percorrer para afirmar definitivamente Santa Marta como padroeira da Região Demarcada e Regulamentada do Mundo – Douro-, e do seu distinto produto – o vinho do Porto. Que se traduz nas parcerias realizadas e no grande e genuíno envolvimento dos agentes locais nas diversas áreas de atividade.

Um dos momentos que se destacou durante a semana cultural de Santa Marta foi a inauguração do nicho cultural. De que se trata?
O nicho cultural é um novo espaço onde se respira e se bebe cultura. Foi a concretização de um sonho de cinco Associações que durante muitos e muitos anos não tiveram um espaço para trabalhar e desenvolver os seus inúmeros e valiosos projetos. Este projeto concretizou a ideia de recuperar espaços devolutos do edifício municipal, onde em tempos passados funcionou a Câmara Municipal, e transformá-lo num espaço cultural de acolhimento às Associações, com um espaço comum e com a novidade de "condomínio cultural".

O orçamento para dinamizar culturalmente o concelho tem sido minimamente confortável ou a luta, principalmente quando se trata de cultura, é ainda mais difícil, e porquê?
A cultura não se apregoa, cultiva-se. Assim sendo, o orçamento cultural é um instrumento precioso para o seu desenvolvimento, tendo, nas Grandes Opções do Plano do nosso município, o estatuto de prioritário.

O Sr. Presidente acredita que a cultura é também um braço-forte da economia? Pode explicar?
Como já expressei, entendemos que sem afirmação da nossa cultura, a introdução dos nossos produtos nos diversos mercados é sempre mais difícil e morosa. Defendemos que nos conhecer e conhecer a nossa cultura se constitui um mercado mais aberto e mais amigo, logo, mais promissor e atraente para os nossos agentes económicos locais.

Nesta dinâmica cultural do concelho, vai nascer o museu do Vinho. Um museu vivo, se podemos dizer assim. Pode dizer-nos do que se trata, como vai funcionar...
O museu ao ar livre – Douro Vivo -, congrega a ideia de fazer renascer esta magnífica região num pequeno espaço, permitindo a quem o visitar beber toda a informação sobre as videiras e as castas que produzem a uva que constrói dos melhores vinhos do mundo. Neste museu vai ser possível recolher toda a informação sobre a região demarcada do Douro no que concerne área de produção na vinha, que é pacífico para todos ser a mais importante na feitura de um vinho.

Santa Marta de Penaguião será a Cidade do Vinho da Península Ibérica? É esta a marca que pretende internacionalizar?
Santa Marta vai ser uma referência vitivinícola, pelas suas gentes, pela sua cultura, pelo seu conhecimento e pelos seus distintos produtos locais.

O turismo cultural é já uma realidade. Santa Marta tem feito parte deste roteiro?
Em Santa Marta já todos percebemos que o turismo é cultural na sua essência, existe pelo conhecimento e pela necessidade da descoberta de novas realidades, por isso o nosso turismo é um turismo cultural que vamos aprofundar e refinar para que seja distinto como é o – vinho do Porto.

Quais os projectos a curto e médio prazo que tem para o concelho?
Com Santa Marta assumimos uma missão que é " o bem-estar e a felicidade dos penaguienses". Este ó nosso projeto. Que necessariamente tem várias ações que visam sempre dar cumprimento à missão. No entanto podemos distinguir, três ações: o Espaço Frei João de Mansilha; o Museu "Douro Vivo"; e uma particamente concluída que é a Escola EB 2, 3. Acreditamos que estas ações vão afirmar Santa Marta como referência do Douro – Região Demarcada e Regulamentada.

Quando terminar o seu mandato o que faz questão que não fique por fazer?
Faço questão que não fique nenhuma semente, - de construção de um novo e promissor futuro para Santa Marta -, por semear.

Sr. Presidente, que balanço gostaria de fazer no final desta semana cultural?
O balanço que faço é extremamente positivo. Primeiro porque, com uma excelente equipa, conseguimos realizar com sucesso todas as atividades prévia e cuidadosamente programadas. Segundo, e de todas as mais importante e muito relevante, o reconhecimento dos penaguienses em particular, e de todos aqueles que nos presentearam com a sua visita, como sendo a melhor Semana Cultural de todas as realizadas até hoje.

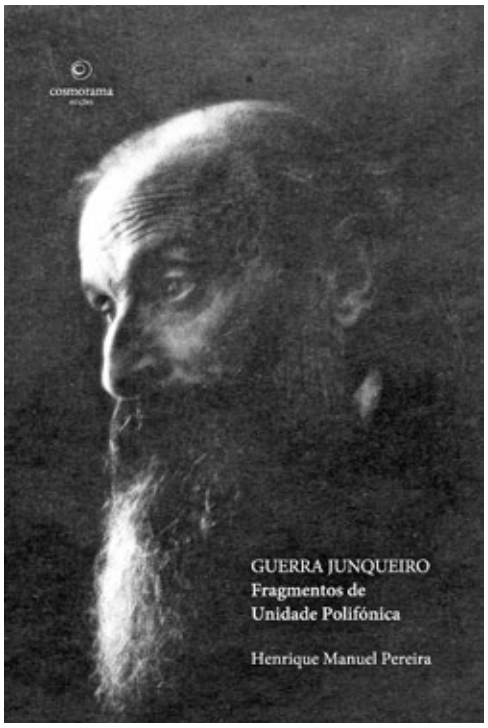
Martinho Soares
Universidade Católica do Porto
e investigador do CLEPUL - Porto

Guerra Junqueiro desmascarado

Il semble, en effet, que ce dessein de reconstruire en construisant fasse partie du cahier des charges du bon historien. Qu'il place son entreprise sous le signe de l'amitié ou sous celui de la curiosité, il est mû par le vœu de rendre justice au passé (P. Ricœur, Temps et Récit III).

Não sei quem mais deva louvar neste texto, se o génio poético de Guerra Junqueiro, se a intrepidez e excecional competência científica de Henrique Manuel Pereira. O poeta é restituído original, redivivo, pelo incansável e minucioso labor do investigador, de tal modo que não é excessivo afirmar que só agora temos acesso à verdadeira face de Guerra Junqueiro, a que se ocultava por baixo das distorcidas e sucessivas máscaras que lhe foram sendo afiveladas ao longo de décadas. *Guerra Junqueiro – Fragmentos de Unidade Polifónica* (Cosmorama, 2015), da autoria de Henrique M. Pereira, representa mais uma brilhante etapa desta longa epopeia consagrada à vida e obra do grande poeta, político, pensador, agricultor, colecionador de arte e cientista transmontano. A obra em apreço é a vários títulos notável e exemplar: 1) seja pelos resultados alcançados; 2) seja pela metodologia e fundamentação; 3) seja pela composição textual.

1) Oscilando entre a execração e o louvor desmesurado, Junqueiro tem sido vítima suprema de todo o tipo de equívocos, calúnias, boatos, zombarias e maledicências. Sobre ele recaíram as mais infames campanhas negras alimentadas em grande parte por rancores políticos e religiosos. Sentindo-se acossado, sentencia com impressionante lucidez: "O embuste mais inacreditável, se o enxertarem com destreza num ódio político ou religioso, tem logo seiva para alimento, deita vergônteas e dá frutos" (pp. 23, 25, 242, 421, 470). Do lado da política, o primeiro embuste e o mais fértil foi enxertado por António Sérgio com o seu artigo "o caprichismo romântico na obra do Sr. Junqueiro". Este havia de prosperar e impor-se na cena cultural e literária portuguesa, enraizando uma imagem depreciativa da obra do grande poeta. Henrique Pereira traça o historial da defeituosa e preconceituosa receção da poesia de Junqueiro ao longo do séc. XX. Alguns dos nossos mais ilustres e influentes intelectuais limitaram-se a adotar o ponto de vista de António Sérgio, ignorando completamente a fonte. Reconhece o autor "o que



a história literária demasiadas vezes testemunha: leem-se mais os críticos que o criticado, havendo muitos críticos que, intencional ou distraidamente, não leem e outros tantos que apenas leem os críticos que não leram" (p. 93). Do lado religioso, a mais acerba e intrigante polémica envolveu o Padre Sena Freitas, Guerra Junqueiro, um seu companheiro de estudos e o filólogo francês Émille Litré. Uma brincadeira e uma publicação não autorizada dão azo a uma rocambolesca cadeia de equívocos que Henrique Pereira se empenha em desmontar peça a peça, com admirável rigor e perícia. Um verdadeiro caso de polícia!

De nó em nó, com enorme paciência e destreza, vai o devoto junqueiriano desfazendo muitos outros "novelos" intrincados, sobre os quais já "passou a humidade de muitos invernos" (p. 147). Alguns envolvem controversas questões de crítica textual como é o caso dos poemas *O cura da minha aldeia, o Fiel, O Náufrago, A lágrima*; outros, controvérsias em torno da atividade de Junqueiro como parlamentar e ideólogo republicano; outros ainda reportam-se ao colecionador de arte e à sua predileção pelo bric-à-brac. Quase todos envoltos em equívoco, quando não mentira, preconceito, maledicência ou pura ignorância. E isto leva-nos ao segundo ponto.

2) Só foi possível repor a verdade e reabilitar a figura de Guerra Junqueiro dedicando ao assunto aturada atenção e inexcedível rigor científico. Esta obra não só denuncia e põe a nu os vícios e subterfúgios da má ciência, os mesmos que contribuíram para distorcer a imagem do autor d'*Os simples*, como é ela própria o exemplo da excelência científica. Todos os factos apresentados são rigorosamente demonstrados e sustentados por um acervo de fontes inequívocas, fruto de muitas horas, dias, meses e anos a folhear periódicos nas hemerotecas, a compulsar livros e artigos nas bibliotecas. Um "trabalho miudinho", que muitos consideram "marginal" (p. 322), mas sem o qual não é possível hoje fazer ciência social e humana. No caso vertente, estamos a falar de um campo de trabalho com referências bibliográficas para mais de quinhentas páginas, isto se nos ativermos apenas ao elenco das referências bibliográficas nacionais (p. 118). Que o trabalho do historiador é positivamente penoso e exigente comprova-o esta obra e o testemunho do seu autor: "Tratando-se de Junqueiro, há muito que adoto uma atitude de radical desconfiança perante a superfície e o estabelecido. Sou pelas fontes primárias. Tenho-as por fundamentais num estudo que se queira sobre personalidades hiperbolicamente aplaudidas e amadas ou controversas e objetadas como foi e é ainda Guerra Junqueiro. Um simples pormenor – documento, anotação, data, carimbo, etc. – pode alterar toda a paisagem das nossas perceções históricas, literárias e sociais" (p. 319).

3) Uma palavra breve para o último tópico acima anunciado. Ganha a boa ciência em ser divulgada de forma apelativa e acessível ao grande público. Também nisso esta obra é exímia. Lê-se como um policial. Sem perder nada da sua erudição e seriedade científica, o texto segue-se com o mesmo interesse e surpresa proporcionados por uma narrativa ficcional – feito raro, que demanda muito engenho na estruturação do discurso. Por sua vez, a escrita é graciosa, rica e cuidada, tornando a leitura deleitosa e gratificante.

Afirmam as teorias da compreensão empática de Dilthey, R. Aron, H.-I. Marrou, R. G. Collingwood que o historiador é movido por um impulso de amizade ou mesmo de amor que o não deixa indiferente aos homens que estuda. A atividade de historiar não é fria, assética, insensível, mas é viva e afetiva. É caso para dizer que Henrique Pereira e Guerra Junqueiro fizeram-se amigos, cúmplices, estão irmanados como Cástor e Pólux, e assim continuarão.

Rodolfo Alonso
poeta, tradutor e ensaísta argentino;
www.rodolfoalonso02.blogspot.com

Deixade xa de ouvear a Valle-Inclán

Chégabanme noticias, xa fai o seu tempo, dende a chamada Galicia territorial, de que seguíanse os prantos, cruxir de dentes e queixumes en contra do inmenso Valle-Inclán. ¿Con cal motivo? O de sempre. Se lle acusaba –só a ele-- de non haber escrito en galego.

Mais alá do que un poda sentir, e mesmo fondamente, ou sexa que cecais obrigar a que se fale unha determinada lingua é cáseque o mesmo que prohibila, e mais alá tamén dos argumentos incluso filolóxicos (lingua viva é aquela que xurde espontáneamente dunha comunidade) que poderían engadirse a iso, sinto a obriga moral de dizer, dende a diáspora, algunhas verbas sobor diste asunto.

O feito de que moitos galegos, grandes e humildes, humildes e grandes, non falasen a súa lingua propia, é a resulta dunha inxusticia hestórica, secular, inesqueíivel..., da que non son responsábeis. Sería como botarlle a culpa ao oprimido do que lle obrigou a fazer pola forza o seu opresor. Además, ise feito –ao longo da história da Galicia-- convírtese nun dato concreto, na evidencia (palpábel) da realidade dunha dor, dunha ferida, que só agora estará comezando a pecharse. Devagariño.

Non darei na inocentada de lembrar que, por exempro, a mesma Rosalía escreveu moita da súa obra en verso, e cáseque toda a súa prosa e maila súa correspondencia, en castelán. E que foi en castelán que, por exempro, Murguía redactou a súa *Historia de Galicia*. ¿Quén tería a coraxe de increpalos por iso? ¿E a outros tantos como eles? ¿Quén pode, ainda hoxe, acusar ás víctimas do que lles obrigaran a fazer os seus victimarios?

Pola outra banda, e dende un punto de vista mais pragmático, se é que non mais obxectivo, ¿cómo pode alguén – e no nome da Galiza – regalarlle ao que acredita seu enemigo unha peza do calibre de Valle-Inclán? Don Ramón non é somentes unha figura local. A súa influencia, ben lexítima, é por demais europeia, e non acaba alí. Na nosa Latinoamérica, tamén tantas veces asoballada e inxustamente escarnecida, non podemos olvidar que foi ele o primeiro que, co seu "*Tirano Banderas*", comezou na literatura con isa forte denuncia a que logo sería (de Miguel Ángel Asturias ao Gabriel García Márquez e Augusto Roa Bastos) a espréndida saga novelística dos nosos sinistros dictadores locais.

Non coñezo, até agora, ninguén que sexa mais galeguista do que o irmán Daniel, do inmorrente Castelao. ¿Hai quen poda negalo? Pois ben, o 7 de xaneiro de 1939, na Universidade de La Habana, Castelao pronunciou unha vibrante conferencia en memoria do noso fidalgo arosán, morto pouco antes de comenzar a guerra civil, que titulou precisamente "*Galicia y Valle-Inclán*". Alí diz unha e outra vez, mais que nidiamente, que ao seu entender "Don Ramón era entrañablemente gallego." E ainda mais: "Era gallego por la lengua, el estilo y el ritmo de su voz musical". E fina o seu longo e belo texto afirmando de novo: "Galicia, pues, es un pueblo manco y glorioso; glorioso y manco como Don Ramón del Valle-Inclán, el hijo emigrante que más se le parecía". ¿Será preciso engadir algo a iso? ¿Ou haberá aínda hoxe na Galicia quen se sinta mais galego que o guieiro? Craro que, todo é posíbel, Castelao elixíu dizer a súa conferencia en castelán, xa que tódolos universitarios da Habana aida non falaban galego. Non sei se lle será perdoado.

Manuel Alfonso Estevez

José de Valbuxan ou Yosso, binomio de verba e cor

Permanece agarrado no Val dos buxos, zumegando arte por todolos currunchos da aldea, onde outrora espallara poemas ao vento dende o alto dos penedíos, diante dunha audiencia de vacadas e rebaño de ovellas, que o seguiran pola bisbarra e corredoiras adiante ata os praderíos verdescentes. Nas terras do Bolo, compuxo sinfonías de cor e moitos dos seus sentidos versos que permanecen incorruptibles alen de transportar as telas a paisaxe e paisanaxe que o viran nascer, binomio de verba e cor.

"Por iso che pinto cadros/
por iso che fago versos/
pra neles ir repitindo/
Valbuxan canto te quero".

Despois da infancia libre e feliz nas faldras da Fraga da Ramalla a peregrinaxe polos cenobios ata deixar o latin e meterse por outros vieiros para entregarse con paixón incontenible a creatividade.

Volta a casa antes de emprender a viaxe para coñecer a súa irmá. Despois eférrase a traballos humildes e retribucións miserables en troco de visitar museos e subsistir en Paris.

Pinta cisnes, estanques, xardíns, na cidade da Luz denantes do regreso o Ateneo de Madrid, templo cultural onde foi recibido cos maiores eloxios da crítica.

Logo, ofrécenlle o Pazo de Vilamarín nas proximidades de Oseira e no seu pobo trocánbanlle o Pazo da súa infancia polo cadro dos seus pais arando, máis o xenio continua aferrado terruño, levando unha vida eremita, bondadosa e terriblemente apaixoada a poesía e atrapando a beleza natural que o circunda.

Maria José Maya
presidente da Direcção da 8 Séculos de Língua Portuguesa-Associação

8 Séculos de Língua Portuguesa

Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa

Balanço Final

As Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa, que decorreram entre 5 de maio de 2014 e 4 de julho de 2015, tiveram o grande mérito de, durante cerca de um ano, colocarem na ordem do dia toda a problemática relacionada com a língua portuguesa, contribuindo para a sua promoção e divulgação.

Estas Comemorações foram uma iniciativa da sociedade civil, tendo sido promovidas pela 8 Séculos de Língua Portuguesa-Associação, uma associação cultural sem fins lucrativos, criada para este efeito.

Numa sociedade em crise, com restrições orçamentais por parte de todas as instituições, públicas ou privadas, com grande instabilidade e desmotivação a nível laboral, pensamos que só uma instituição com um grande sentido de missão e aberta à colaboração com outras instituições poderia levar a cabo estas Comemorações. Por isso, desde o início tivemos como lema trabalhar em rede, em parceria e em todas as geografias que connosco as quisessem celebrar.

Muitas e prestigiadas instituições se juntaram às Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa, respondendo ao desafio lançado pela 8 Séculos de Língua Portuguesa-Associação.

O Alto Patrocínio do Presidente da República, o apoio do Ministério da Educação, do Secretário de Estado da Cultura e de Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, foram fundamentais para a dignificação e projeção das Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa. O CNC-Centro Nacional de Cultura foi um precioso parceiro de organização destas Comemorações.

De entre as prestigiadas instituições que apoiaram estas Comemorações, salientamos a INCM - Imprensa Nacional-Casa da Moeda, BNP - Biblioteca Nacional de Portugal, CTT - Correios de Portugal, C. M. Lisboa – nomeadamente com tertúlias na Casa Fernando Pessoa e no Castelo de S. Jorge – C. M. Almada, C. M. Seixal, C. M. Loulé, Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo, ISCTE-IUL, Universidade do Algarve, Universidade Lusófona (Lisboa), Centro de Formação de Professores do Concelho de Almada - AlmadaForma, Escola Secundária Fernão Mendes Pinto e Agrupamento de Escolas Anselmo de Andrade (Almada), Fundação Oriente e Museu, Fundação do

Centro Cultural de Belém, Conservatório de Portalegre, UCCLA-União de Cidades Capitais de Língua Portuguesa, Transportes de Lisboa, SPA - Sociedade Portuguesa de Autores, MIL - Movimento Internacional Lusófono, Ciberdúvidas, World of Discoveries (Porto), Associação Sphaera Mundi, FIESA - Festival Internacional de Esculturas na Areia (Pêra-Algarve), Coral Luísa Todi (Setúbal), Manga di Rônco (Amadora) e Associação de Ciclismo do Minho (Braga).

Outras instituições houve que, não se tendo juntado às comemorações oficiais dos 8 Séculos da Língua Portuguesa, mas não pretendendo ficar à margem do amplo movimento de divulgação e promoção da língua portuguesa, fizeram as suas próprias iniciativas em torno da nossa língua. Também elas ajudaram a cumprir o objetivo de prestigiar, promover e divulgar a língua portuguesa.

A nível internacional, salientamos a colaboração do IILP-Instituto Internacional da Língua Portuguesa, da Academia Cabo-Verdiana de Letras, da AEGUI-Associação de Escritores da Guiné Bissau e do IIM-Instituto Internacional de Macau, bem como da Academia Galega da Língua Portuguesa.

Sendo difícil num curto artigo dar notícia dos eventos mais significativos que se desenrolaram no âmbito das Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa, remetemos para as nossas redes sociais, blogue e para o link da Comissão de Educação, Ciência e Cultura da Assembleia da República:

http://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetalheAudiencia.aspx?BID=100428

Todavia, não queremos deixar de salientar a emissão filatélica "8 Séculos de Língua Portuguesa" lançada em Portugal, no Brasil e em Cabo-Verde no dia 5 de maio de 2014, e a medalha oficial das Comemorações, editada pela INCM após concurso internacional.

Lembramos ainda as diversas exposições realizadas: "Esplendor e Engano" de Isa Duarte Ribeiro e Pureza Oliveira, no Museu do Oriente, "As moedas no tempo de Fernão Mendes Pinto" e "Vultos da nossa História", da INCM, e "Fernando Pessoa", do pintor e escultor moçambicano Lívio de Morais no Camões - Instituto da Cooperação e da Língua.

A poesia esteve sempre presente ao longo deste ano, de um modo muito especial na Casa Fernando Pessoa, mas também em Coruche e noutros eventos, dando a conhecer poetas de todo o mundo lusófono.

O Concerto de encerramento das Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa, que teve lugar no CCB, com Ana Laíns e artistas de renome de todos os países de língua oficial portuguesa, foi um sucesso.

O público acorreu aos diversos locais onde decorreram os eventos, que estiveram sempre cheios ou quase.

Agradecemos a todas as pessoas e instituições que se envolveram nestas Comemorações, pela sua dedicação a esta causa e pelo trabalho que desenvolveram e que enriqueceu e prestigiou as Comemorações e a língua portuguesa.

Agradecemos ainda à Embaixada do Brasil em Lisboa, à Fundação Portugal-África, ao Millennium BCP, à RTP, à Multiweb, à Nucase, à Delta, à Impresa, à F.I.A. - Feira Internacional de Lisboa, à Leya, ao Vila Galé Hotéis, à Dr.ª Cândida Fernandes-Advogados e aos nossos associados o apoio financeiro e/ou de serviços que permitiu estas realizações.

Ao jornal "As Artes entre As Letras" um agradecimento especial pela divulgação destas Comemorações.

A 8 séculos de Língua Portuguesa-Associação irá continuar a sua atividade cumprindo a missão a que se propôs de contribuir para a divulgação e a promoção da língua portuguesa e das culturas a ela associadas.

Inácio Nuno Pignatteli
escritor

O Canto da Sereia

"No norte de Portugal como nas terras da costa cantábrica que em Espanha rodeiam o Finisterra, a Sereia vive todavia. São terras em cujos habitantes perduram ainda os sonhos dos seus avós, para os quais a praia não era como hoje o começo de um itinerário que terminava noutra praia mas a porta de um mistério povoado de fábulas: uma dessas fábulas era a Sereia".

As palavras são de Gregorio Marañon grande historiador e escritor espanhol num belo e curioso prólogo a um notável livro sobre as Sereias "A Sereia" do Diretor do Museu Etnográfico do Porto Dr. Fernando Castro Pires de Lima. E Marañon acrescenta no texto: "A Sereia nasceu para enamorar."

De facto as Sereias ou Marinhas, essas criaturas fantásticas metade mulher e metade peixe constituem elemento presente e constante no nosso imaginário definidas pela sua beleza física e pela beleza do seu canto de sedução irresistível e fatal como o comprovam as narrativas eruditas e populares. Cite-se apenas e a título de exemplo o Livro de Linhagens e a aventura de D. Froyão e Dona Marinha, algumas peças de teatro de Gil Vicente, o poema "A barca bela" de Garrett ou as quadras dos Cancioneiros populares.

Destes últimos, sobre a beleza do seu canto e sua atração recorda-se a seguinte quadra ainda hoje contada na Póvoa de Varzim:

"Ouvir cantar a Sereia
No meio daquele mar
Muitos navios se perdem
Ao som daquele cantar"

ou esta que parece ter relação com o conto de Júlio Dinis:

"Esta noite à meia noite
Ouvi um lindo cantar
Cuidava que eram os anjos
Era a Sereia do mar"

ou ainda esta:

"Valha-me Deus como canta
A sereinha do mar
Os marinheiros dão volta
Para a ouvirem cantar"

Registem-se ainda duas notas retiradas do livro "A Sereia" do Dr. Fernando de Castro Pires de Lima elucidativas da beleza do canto da Sereia. Diz ele: "A palavra Sereia deriva do latim Sirena que sucedeu a sirem do grego e cuja origem é fenícia de sir (canto)".

Temos assim o canto como elemento indissociável da Sereia. E também que "o nome mais antigo que se conhece de uma Sereia é Himeropa e pode ler-se num vaso do Museu Britânico. Segundo Charles Kerénye, Himeropa quer dizer "aquela cuja voz excita o desejo"".

São deste modo as Sereias definidas pela beleza e pelo canto como elemento do maravilhoso e da crença popular.

Também Júlio Dinis se deixou tentar pela magia desse ser fantástico do mar, a Sereia, esse ser mitológico cuja crença já vem dos antigos dos tempos de Homero e Ulisses quando este na sua viagem de regresso a casa para conhecer o canto das Sereias sem risco de naufragar mandou que o atassem ao mastro do navio e que os seus marinheiros tapassem os ouvidos com cera para poderem resistir assim à sedução fatal desses seres do mar.

Júlio Dinis respeitava as crenças populares e também se sentia atraído por elas como o provam as primeiras palavras do conto "O Espólio do Senhor Cipriano". Aí se pode ler:

"Desde que uma crença comece a radicar-se verdadeiramente na imaginação do povo difícil é ao poder dos séculos ou à evidência dos factos desarreigá-la. Parece que à medida que um por um se vão quebrando os laços que a prendiam à razão e diminuindo a plausibilidade que dos espíritos sensatos a fazia ainda aceite, mais atrativos ela ostenta à fantasia popular sempre afeiçoada ao maravilhoso e impelida a correr atrás destas sedutoras ilusões como as crianças a perseguirem as borboletas através das campinas".

Com a crença das Sereias também isso acontece, para o que contribuirão certos atributos de beleza física e beleza do canto e o fantástico de serem metade mulher e metade peixe.

Assim, Júlio Dinis, respeitador e admirador das crenças populares, deixou-se embalar pelo encanto e maravilhoso dessa crença arreigada através de séculos, para construir talvez o mais belo e conseguido conto dos seus "Serões na província", "O Canto da Sereia".

Vários factores terão contribuído para isso. Hospedado em casa de sua tia Rosa Zagalo Coelho, em Ovar entre fins de Abril e Setembro de 1863, ficava-lhe perto a praia do Furadouro com a sua comunidade piscatória, os seus palheiros de então, e é natural que nos seus passeios pelos arredores, deambulando por lá, contactasse os pescadores e se entranhasse no conhecimento mais profundo dessa comunidade, os seus costumes, as suas crenças, o seu modo de vida, ele que era tão ávido de encontrar motivos para a sua escrita como aliás o demonstra bem no conto em questão.

O "O Canto da Sereia" está cheio de cor local. As descrições do ambiente piscatório, as personagens do Tio João Cabaça e de Pedro do Ramires, a vida das campanhas, a roda dos pescadores, a taberna da Tia Salgada que existiu na realidade com esse nome como assegurou a Egas Moniz o Padre Manuel Lírio que o averiguou, e muitos outros elementos provam bem que o escritor andou por ali a indagar, a aprofundar, a conhecer, a encontrar chão e personagens para o seu conto.

Quem sabe se para além dos pescadores nesta taberna não colhesse Júlio Dinis importantes informações para o seu conto?

Daquele grupo de pescadores recortou duas personagens, as principais do conto:

O Tio João Cabaça "Uma velha figura de velho alentado e musculoso" tido em grande conta na campanha, não só pelo muito que entendia de coisas do mar, como pelo bem que sabia contar histórias curiosas, crónicas de tempos passados recebidas por tradição de seus pais".
E Pedro do Ramires – "Um pescador moço a quem tanto interessava a história da Sereia", jovem pescador de alta estatura "as suas formas desenvolvidas e a fisionomia expressiva de inteligência e de vivacidade davam-lhe um certo ar de nobreza e resolução", "Por baixo do clássico gorro de lã escarlate saíam-lhe profusos os cabelos que lhe vinham poisar nos ombros", descrição que de certo modo nos faz lembrar o conto "Peixe Rei" de Sebastião da Gama.

E a Sereia? A Sereia?
O conto desdobra-se em duas narrativas:
1 - O relato do tio João Cabaça da verdadeira Sereia, ser mitológico e fantástico, aprisionada nas redes dos pescadores do Furadouro que depois a soltaram, que se queixava e lamentava por estar presa e cantava com música que parecia dos anjos. Egas Moniz crê que Júlio Dinis terá ouvido este relato a um pescador do Furadouro e comenta "é preciso ser da beira-mar para se sentir toda a beleza da descrição do Ti Cabaça, tão cheia de pitoresco e de superstição como é próprio do homem do mar".
Viram um animal que da cinta para baixo era um peixe completo e da cinta para cima era a mulher mais bonita que se tem visto no mundo.
Era uma mulher perfeita. Dela é que vinha a tal carpideira e os tais choros. Chorava e carpia-se que metia mesmo dó. Toda a sua pena era tirarem-na do mar. O que ela pedia é que a soltassem da rede e que a deixassem voltar à água, pois só lá é que podia viver.
Falava com uma voz e duma maneira que fazia enternecer os mais empedernidos.
"Ai soltai-me, soltai-me – dizia ela – deixai-me voltar para o mar, que, se me levais para terra, eu morrerei logo".
E a aventura vivida por Pedro do Ramires e em que o Tio João Cabaça também participa, da excêntrica mulher que gostava de cantar à noite no mar, alugando para isso um barco de pescadores, desafiando os elementos da natureza e cantando também com voz potente e cristalina que mais parecia música dos anjos com o qual enfeitiçou e fez perder Pedro do Ramires e ia enfeitiçando Ti Cabaça.
Quer a Sereia quer a mulher ambas se comportam em tudo como Sereias. Ambas possuem no dizer das duas personagens um canto que parece música de anjos, mavioso, atordoador, no dizer do Ti Cabaça "Com aqueles cantos pelos modos atordoam a gente, que fica assim com uma bebedeira. Não se faz mais coisa com coisa, não se atina como com o governo do leme, nem com o das velas ou dos remos. Nestes começos elas levantam o mar e um homem vai para os peixinhos que é mesmo uma consolação". Um canto terrivelmente sedutor que no dizer de Pedro do Ramires, não é alegre nem divertido como nos arraiais, nem sério nem de devoção como na igreja, o canto da Sereia, é um canto de perdição característico daqueles seres do mar.
É neste ponto que se mostra todo o engenho e a arte de Júlio Dinis ao criar uma personagem em tudo semelhante à Sereia, a estrangeira excêntrica que canta à noite no mar e em tudo se confunde com uma verdadeira Sereia desde que aparece na narrativa e mesmo em alguns pequenos pormenores.
Ela seduz através do seu canto a Pedro do Ramires que ao princípio acredita que ela é o ser fantástico de que falava o seu amigo Tio João Cabaça, fá-lo apaixonar-se por ela só pela voz, atrai-o irresistivelmente como um íman levando-o a procurá-la e a segui-la nos seus passeios noturnos, encanta-o e enfeitiça-o com o seu canto mesmo quando o moço pescador descobre que é uma mulher ouvindo as conversas dos pescadores nos palheiros de Espinho e escutando-a a cantar nesses mesmos palheiros.
Arrasta-o atrás de si noite após noite até o fazer lançar-se ao mar quando o rapaz pensa que ela estava em perigo. E mesmo no último momento em que Pedro depois de uma demorada e desigual luta com as ondas se agarra à borda do barco, a mulher cantora comporta-se como uma autêntica Sereia sendo a causa da sua perdição quando ao estender-lhe os braços o faz desprender os dele do barco afogando-se. O fim fatal que a tradição atribui ao canto da Sereia.
Tio João Cabaça também quase se deixou levar pela voz desta mulher. Conforme diz no conto ao regressar de Espinho e por alturas da capela da Senhora da Aparecida escutou o seu canto, confundiu-o com o da Sereia e para fugir à sua atração entrou na ermida, invocou a santa e tapou os ouvidos com cera o que surtiu efeito.
Casam-se assim no "O Canto da Sereia" o mito do ser fantástico da Sereia com a realidade extraordinária criada pelo escritor de uma mulher que se comporta como uma Sereia. Fábula e realidade criada.
E depois há o desenlace da história magnificamente escrito por Júlio Dinis e cheio de presságios.
A atração sentida por Pedro, a tranquilidade excessiva que precede a tormenta, o levantar de uma viração do sul o esplêndido canto convocador de tempestade da mulher estrangeira:

"Vinde? Soprai furiosos
Ventos de tempestade!
Ergue-te majestade!
Ergue-te ó vasto mar!
Passai legiões de nuvens!
Velai o céu de estrelas!
Ó génio das procelas
Vem, quero-te saudar.",

são tudo sinais, prenúncios de fatalidade do que acontece em seguida, o afogamento e morte do moço pescador Pedro do Ramires quando ia ao encontro da mulher – Sereia.
A notícia da sua morte é-nos dada também de forma indirecta pelos pescadores do Furadouro que no dia seguinte encontraram o corpo do rapaz.
"Aquilo é afogado decerto – dizia um pescador novo depois de aplicar a vista por algum tempo a um objecto que boiava nas águas.
Estas palavras excitaram a curiosidade de João Cabaça que se aproximou do que as dissera, com não disfarçada curiosidade.
- Mostra-me o que tu dizes que é um afogado Luis do Moleiro."

O Canto da Sereia.
Valem aqui as palavras de Gregório Marañon "A Sereia nasceu para enamorar". Através da sua beleza física, através do seu canto mas este sendo irresistivelmente sedutor é um canto de atração fatal.
Como a Sereia, mas sem esse predicado cruel, é extremamente belo o conto de Júlio Dinis.

J. A. Gonçalves Guimarães
Mesário-mor

Eça & Outras

Centenário de Paulo Cavalcanti

É sabido e conhecido como Eça de Queirós tem sido admirado, estudado e divulgado no Brasil, muito mais do que em qualquer outro país fora de Portugal. Numa escala empírica diríamos que estariam a seguir Espanha, França, Inglaterra, Estados Unidos, Cuba e China. Escala empírica, repito, pois como temos vindo a noticiar nesta página, o escritor tem vindo a ser traduzido em muitas outras línguas e estudado noutras paragens.

Mas o Brasil ama Eça de Queirós, onde ele nunca esteve fisicamente, mas aí se divulgou em vida através das suas crónicas na Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro, das edições – algumas piratas – dos seus romances, da sua polémica com Machado de Assis, dos seus amigos brasileiros em Paris. Do mesmo modo poderemos dizer que, muito para além de aspetos circunstanciais analisados com finíssima ironia, Eça também o amava, descrevendo-o como «uma nação tão amorável, tão generosa, tão hospitaleira, *tão europeia* e de tão vasta fraternidade, como é o Brasil, para sua grande honra entre as nações» (*Uma Campanha Alegre*).

Não nos admiremos pois quando nos anos 90 do século passado o Brasil emitiu uma coleção de selos de correio homenageando os grandes escritores brasileiros de língua portuguesa e, entre eles, lá estava Eça de Queirós, circunstância que levou muitos cidadãos daquele país a pensarem que ele era seu compatriota, o que não tem mal nenhum. Leiam-no, que logo terão tempo para descobrir a sua biografia, aliás precisamente pela primeira vez tentada pelo escritor brasileiro Miguel de Mello em 1911. E ao universal não fazem mossa os pormenores da paroquialidade.

Entre os seus grandes cultores brasileiros, conta-se, sem dúvida, Paulo Cavalcanti, que a mão amiga desse outro seu atual representante no Brasil, que é Dagoberto Carvalho Júnior, me fez chegar numa publicação editada pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE) justamente intitulada "Paulo Cavalcanti 100 anos", tendo no interior um seu artigo intitulado "Paulo Cavalcanti, escritor eciano".

O homenageado, que nasceu em 1915 em Olinda, Recife, formou-se em Direito, tendo sido promotor público, deputado, autarca e defensor de presos políticos. Filiado no Partido Comunista Brasileiro, onde teve como correligionário o grande arquiteto Óscar Niemeyer, foi ele próprio várias vezes preso e impedido de exercer os seus direitos de cidadania durante a ditadura. Foi também escritor e crítico literário, tendo sido em 1984 eleito presidente da secção de Pernambuco da União Brasileira de Escritores e, em 1988, seu presidente de honra e do 1.º Congresso de Escritores do Nordeste.

Em 1945, nas comemorações do centenário do nascimento de Eça e do concurso literário comemorativo promovido pela Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife, escreve o ensaio "Eça de Queiroz, o revolucionário" que foi classificado em quarto lugar pelo júri, mas mesmo assim publicado pela sua novidade e ousadia, em "Eça de Queiroz. Documentário de uma comemoração", onde então nos atirou à cara: «Vê-se, por aí, quanto tem sido incompreendida a arte de Eça de Queiroz, principalmente em Portugal. Tido, embora, como desnacionalizador, foi, entretanto, um dos maiores cultores do lusitanismo. Em verdade, seu patriotismo não se deixou empolgar pelo sentimento das palhaçadas cívicas» (Cavalcanti, 1947:142). Só em 1989 visitaria Portugal.

Entretanto em 1948, com o escritor e jornalista Silvino Lopes, funda o Clube dos Amigos de Eça de Queiroz, que depois evoluirá para a atual Sociedade Eça de Queirós, a que presidiu enquanto viveu, bem assim como à Associação de Imprensa de Pernambuco. Fascinado pelo texto "O Povo", publicado por Eça aos 22 anos no Distrito de Évora, tomava este como expoente doutrinário da sua ação pública em defesa do bem-estar dos seus concidadãos nos diversos cargos públicos que foi assumindo. Em 1959 publica "Eça de Queiroz, agitador no Brasil", recentemente reeditado em português e inglês por aquela editora. Repositório de uma intensa recolha da repercussão dos escritos queirosianos na sociedade brasileira de Goiana, tornou-se «obra da maior importância para a fortuna crítica do mestre poveiro», como sobre ela agora escreveu Dagoberto Carvalho J.or, ex- secretário e ex- presidente daquela Sociedade sediada no Recife e de que fazem parte como sócios de honra A. Campos Matos, Carlos Reis, Isabel Pires de Lima, J. Rentes de Carvalho e o signatário desta mal alinhavada prosa comemorativa, na honrosa companhia de tantos outros portugueses do Brasil, ou no Brasil, e de brasileiros de Portugal, ou em Portugal. Como vocemecês quiserem, que aqui não importa muito a filosofia da prosa.

Ainda no programa deste centenário, a referida editora publicou também, em formato digital, a tetralogia de Cavalcanti "O caso eu conto como o caso foi", subtítulo Memórias Políticas, e os títulos: "Fatos do meu tempo"; "Nos tempos do Prestes"; "Da coluna Prestes à queda de Arraes"; "A luta clandestina". Tudo isto são grandes coisas do país irmão, onde um dos seus mais prestigiados intelectuais do século XX atribui a Eça a lição de muita da sua cultura humanística.

Mas há também os pequenos gestos que nos aconchegam o quotidiano. Com a publicação veio o postal comemorativo dos 50 anos da Sociedade Eça de Queiroz, do Recife, concebido por Moema Cavalcanti, a filha do homenageado, com aquelas sempre amigas palavras de Dagoberto. Colecionamos emoções. E Eça é um mar Atlântico delas, nestes cem anos do queirosiano Cavalcanti que um dia escreveu "Não há neutralidade em face da vida".

CURSUS HONORUM

Confrade do Vinho do Porto

O Município de Baião, através da Alêtheia Editores, acaba de publicar uma nova edição, bilingue, de "A Cidade e as Serras/The City and the Mountains" de Eça de Queirós com tradução de Margareth Jull Costa, capa de Ricardo Alves e no interior, a separar as duas versões, 16 cromatografias de outros tantos autores. Com prefácio do Dr. José Luís Carneiro, presidente do município, esta nova edição vem com certeza permitir uma especial divulgação da obra de um dos maiores escritores portugueses de sempre junto do público estrangeiro que nos visita, mas também, mais uma vez, que os portugueses «se deliciem com a leitura de um dos textos literários que ainda hoje continua a confrontar-nos com o que é essencial nas nossas vidas».

Jornadas Europeias do Património 2015

Nos próximos dias 25, 26 e 27 de Setembro vão decorrer as Jornadas Europeias do Património, este ano sob o tema «Património Industrial e Técnico». Como habitualmente, o Gabinete de História, Arqueologia e Património dos ASCR - Confraria Queirosiana e o Solar Condes de Resende associam-se ao evento através dos trabalhos dos seus investigadores e produtores de conhecimento histórico patrimonial, quer em realizações próprias (no Solar Condes de Resende), quer participando nas de outras instituições.

Email
queirosiana@gmail.com
confrariaqueirosiana.blospot.com
eca-e-outrasblogspot.com

Coordenação da página
queirosiana@gmail.com

Endereço Postal:
Solar Condes de Resende
Travessa Condes de Resende, 110
4410-264 Canelas V.N. GAIA - PORTUGAL
Tel.: 227 531 385 | Fax.: 227 625 622
Telm.: 968 193 238

Paulo Ferreira da Cunha
lusofilias@gmail.com

Sociologia da Crise: Tipos e Atitudes

Cigarras e Formigas

Tempos críticos fazem ressaltar duas mentalidades profundamente nocivas à República, em qualquer país. Tentaremos ser o mais possível objetivo:

De um lado, os recalcados, mesquinhos, que precisam avidamente de um Senhor a quem servir, e de escravos que os sirvam. Os tais que têm o tal "ódio de pobre", os vilões de "vara na mão", os do preconceito, do obscurantismo, das teias de aranha. Gente que não pode ver o vizinho de camisa lavada, que se compraz com a má sorte dos demais. Quando muito, ostentam hipócrita caridadezinha, mas são avarentos, vingativos, maus.

De outro lado, os folgazões eternos, para quem a vida é doce passeio, que com um sorriso ou um piropo tudo lhes cai no regaço, todos se rendem ao seu encanto ou fascinados com a sua inteligência (que contudo nem cultivam por aí além), e que vivem num *mar de contentamentos* (diria Camões) com profundo desprezo pelos pobres e doentes, e naturalmente também pela política, essa coisa lamacenta em que não precisam de pôr as delicadas mãos de não fazer nada.

Entre uns e outros há quem sofra, trabalhe, pense, seja solidário. Mas se trabalhar e sofrer é para muitos (para quase todos), alguns, fazendo o seu dever, conseguiram ainda libertar-se de preconceitos e apesar de tudo ainda teimam que pode haver um mundo Livre, Justo, Solidário. O problema é que não estão a saber muito bem *como*, tantos os projetos fracassados, os que traem e se vendem, que querem tempo de fama, mas não sabem que fazer com ela.

De faca nos dentes

Estão cada vez mais no terreno arrivistas sem nenhumas qualidades (morais, intelectuais, culturais, profissionais) que as de o serem. E são muito bons arrivistas, excelentes.

Muito cuidado haverá que ter, sobretudo da parte de quem se encontre em lugares de decisão, recrutamento, contratação, promoção, premiação. Sobretudo os idealistas, políticos, universitários, religiosos e outros afins, que vivem por vezes um pouco (ou muito) fora do mundo, podem cair no logro com tão desculpável quanto catastrófica facilidade. Quem já não foi apunhalado por um desses?... Quem será o próximo?

Extremismo

Será que os tempos de crise tendem inevitavelmente ao extremar das posições, políticas e afins? E que, à direita e à esquerda, deixa de haver moderados, e os moderados da esquerda afinal são de direita, e os moderados de direita afinal são de esquerda? É só uma hipótese. Claro que há os moderados extremos da direita e os moderados extremos da esquerda, que esses são o que sempre foram. Mas esses são poucos e ninguém os ouve.

"Liberdade" e presunção

Não foi o alargamento da liberdade de expressão que permitiu a repetição e a difusão alargadíssima de absurdos, dislates, discursos de ódio e preconceito. Nem protagonismo de personagens caricaturais ou sinistras (dessas, aliás, sempre houve que sobrasse). Foi mesmo a falta de educação pública geral (apesar do narcisismo de muitos nessa matéria) e a incapacidade de discernimento pessoal. Tudo junto à falta de crítica com *auctoritas*, que permita aferição de comportamentos, que aponte modelos. Pluralistas, mas exemplares.

Haverá ainda paciência para tanto dislate? E com ares de muita sapiência. Que poses!

Pedestais

Em várias atitudes públicas descobrimos hoje curioso traço comum: a valorização não realmente de pessoas e dos seus feitos ou capacidades, mas do pedestal que ocupam. Só se exalta, afinal X ou Y, porque estão num qualquer nível que se crê pelo menos de superioridade, poder, preponderância. Não falamos de política (há muito tempo que não falamos de política, o que é sinal do que é), mas da simples vénia social. Há vénias, simpatias, e elogios até aos píncaros da lua, por aí. Sim, mas segundo o tamanho, o brilho e o valor material de que é feito o pedestal sobre que a pessoa se encontra. E logo que, por um trambolhão da sorte, caia do pedestal... passa de *bestial a besta*. Mas como ficam então os bajuladores, os acólitos, os sequazes, os epígonos? Às mil maravilhas, porque sempre terão algum ídolo em cima de um pedestal a quem incensar, e certamente de quem esperam (nem sempre terão) favores.

Felizmente, alguns que estão circunstancialmente em pedestal não serão néscios, podendo entender o que se passa. Mesmo se os pedestais normalmente dificultam o discernimento das cortes que os envolvem.

Kairos

Sempre o admiramos muito, a Umberto Eco. Um intelectual que sabe rir-se. Sólido, e leve. Irónico e erudito.

E o que tem vindo a dizer sobre a enorme e actante tolice (e por vezes implícita maldade) à solta, em várias dimensões e sobre vários objetos, é mais uma prova de que está atento e não se acomoda à conveniência cobarde e cúmplice de achar que tudo vai bem.

Não, as coisas vão mesmo muito mal. Na cultura, na comunicação, no crescendo dos preconceitos, na qualidade da democracia europeia. Estamos em tempo kairológico. Algo vai ter de dar um salto na História. Oxalá que no bom rumo. Seria bom fazer por isso, se soubéssemos como.

Ramiro Teixeira
crítico literário

Bento da Cruz [1925-2015]

O Barroso sempre presente

"*Quando eu me criei, a minha aldeia era redondamente analfabeta. Nem correio, nem jornal, nem rádio. Em televisão ainda ninguém falava.*

Mau grado o analfabetismo e isolamento, aí por finais de Julho de 1936, chegaram a Peireses notícias de guerra em Espanha.

Atrás das notícias vieram alcateias de lobos e grupos de homens. Os lobos vinham fuxidos aos tiros dos canhões. Os homens ao recrutamento militar.

Bento da Cruz, por memória e idiossincrasia natural, manteve-se sempre vinculado ao sentido antropológico e etnográfico do universo barrosão, produzindo obra viva e picaresca, através de relatos de vivências ancestrais, evidenciando uma capacidade notável de colocar, perante os nossos olhares assombrados, a cultura de uma região e de um povo, entre a frustração do seu destino e a riqueza do seu conteúdo humano e cultural.

Barroso ou Gostofrio, consoante o patronímico a que o escritor recorre, é sempre o mesmo espaço encantado e desencantado, simultaneamente lúdico e real, em écloga prosódica, por onde transitam crianças e adultos em afirmação de ser, as mais das vezes através de rivalidades e de ódios colectivos entre tendeiros e lavradores, galegos e portugueses, saltimbancos e feirantes, clérigos e paroquianos, monárquicos e republicanos, quadrilheiros e autoridades, contrabandistas e guardas-fiscais, nacionalistas e *roxos*; enfim, um não acabar de gente em busca incessante de afirmação pelo pão da sobrevivência ou pela riqueza do desperdício; pelo sexo e pela religiosidade; pela vingança e pela dádiva; pela artimanha e pela ingenuidade; pela hombridade e pela cobardia; pelo chiste e pela parábola; pelo domínio e pelo protagonismo; pela justiça e pela liberdade – tudo em arreigado comunalismo.

Assim as *achegas* dos bois, que através do confronto entre as forças animais recria a luta entre os *clãs* solidarizados por um vínculo lúdico, onde dificilmente se sabe quem vence ou quem perde, pois se o *boi* da aldeia se quedou derrotado, a ver vamos quais os homens que irão *varrer* a feira... – o que nos remete para a circunstância de, nesta similitude ou contingência espacial, se irmanarem homens e animais na mesma afirmação de ser.

Em tal espaço, apesar de caracterizado por arremessos de vida instintiva, sob a aparente rotina diária dos trabalhos do campo, se recolhem vastas cambiantes de sensibilidade e de rudeza, sentimentos obscuros e nobres, todos espontâneos, desobrigados de filosofias teóricas e de oportunidade política, antes expressões viscerais e inconscientes de vida.

Sempre vinculado a esta geografia e temática, que só na escrita é inventada ou falaciosa, soube Bento da Cruz, permanentemente, recheá-la de veros acontecimentos políticos e singulares existências, ora em estrema fereza, ora em adâmica humanidade, recordando, a todo o momento, tanto os trajectos revolucionários que atravessaram a região, como o de Paiva Couceiro, entre outros, quanto a existência dos contrabandistas, em jogo de rato e de gato com as guardas republicana e fiscal e, mais, ainda, a existência dos *fuxidos*, guerrilheiros desertores ou perseguidos, acoitados em terras barrosãs, independentemente do exército que serviam ou eram obrigados a servir.

Assim o título *Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes*, edição que teve o apoio da Câmara Municipal de Montalegre, mas que não ficaria mal se igualmente, colhesse a participação da Xunta da Galicia ou de qualquer outra Conselharia da Cultura de Espanha. De resto, este seu trabalho é de tal monta e minudência que, dificilmente, se poderá admitir não constar ele, doravante, na bibliografia escolhida dos historiadores espanhóis da especialidade.

Em tal mister, ora sob a forma de ficção, ora sob a forma de aspectos monográficos, que na recolha, por exemplo, das *Histórias da Vermelhinha*, celebra uma particular vivência de contos populares atrevidotes, ou ainda em abordagens biográficas, soube Bento da Cruz dotar em tudo quanto escreveu o que de melhor da vida recebeu e herdou de tal espaço, que é como quem diz, com um estilo de sereníssima riqueza e originalidade vocabulares, ao jeito coloquial, a partir, as mais das vezes, de relatos contados e ouvidos durante a cozedura do pão no forno comunal, centro de vida familiar e colectiva, relembrando histórias de arrepiar, de lobos e de humanos, de fanfarronices épicas, por entre não menos épicos relatos de servidão e indigências congénitas, bebedeiras, contrabando, perseguições políticas, de mistura com amores inocentes e pecaminosos, contrapontos entre o profano e o sagrado, passando pelos julgamentos jurídicos e religiosos, varrer de feiras e de mercados, sem constrangimentos ditos civilizacionais, chamando os bodes pelos seus nomes legítimos que, antes de mais e para que conste, se denominam de *cabrões*, em linguagem chã e vernácula – o que, tudo somado, me leva a inscrevê-lo na escola formal de Camilo e, estilisticamente, na de Aquilino, enquanto mentor de um verbalismo serrano, caricatural e picaresco.

Em tal modo de ficcionar, forma e conteúdo constituem um só corpo orgânico, abrangendo homens e animais, pleno de intimidade e de cumplicidade, recorrendo tanto ou mais do que à memória dos seus conterrâneos, à sua própria memória e, particularmente, à da sua meninice, fazendo desta vereda uma estrada real.

Todavia, não tenhamos ilusões: por entre o bucolismo lírico, que dir-se-ia resultante da madre natureza, amorável por excelência, realça-se, sobremaneira, o anátema sobre a peculiar configuração sócio-territorial do espaço a que se confina – a começar logo pela infância dos heróis: encantatória, sim, mas para sempre, dir-se-ia, condenada às actividades da lavoura e do pastoreio, com seus intérpretes dormindo ao calha, entre abrigos rochosos, estábulos e palheiros, falsamente despreocupados, exercitando as suas afirmações de ser, ou de domínio, através de acções moralmente condenáveis, seja pelo exercício de violências gratuitas – vazar os olhos dos pássaros – seja pela satisfação das pulsões sexuais sobre os animais domésticos!

Tais heróis, de que *Chispas*, em *Filhas de Loth*, é um bom exemplo, transportam tanto de violência primitiva, quanto de ingénua dádiva inocente, mercê da condição de que se revestem, que é a de simplesmente sobreviverem em clima desumano e solitário, fazendo deles exemplos de marginalidade social inconsciente. Simultaneamente anjos e podengos, fundindo os traços humanos com os animalescos.

A verdade é que, na obra de Bento da Cruz, a todo o momento, assistimos à singular intimidade ou parceria existencial entre o homem e o animal. Um e outro possuem uma existência comum, sendo pertença duma mesma família, a qual, em sua forma primitiva de viver, não separa um do outro. Veja-se o caso de *Jólim*, vítima da cornada da *Ginja*, a vaca-mãe ciumenta da bezerrinha recém-nascida...

Vinculado a este mundo, que a todo o momento colhe similitude com a terra bíblica, seja através duma visão paradisíaca ou de expiação terrena, com *Picholeta*(s) e *Loba*(s) sempre em extrema miséria, desde a infância à velhice, Bento da Cruz, ao tal retratar, se revela como uma espécie de arqueológico social da região e, consequentemente, o relator último de um tempo irremediavelmente passado ou perdido.

Seja, porém, como for, qual árvore centenária, bem enraizada na fundura da terra, Bento da Cruz foi, por excelência, o escritor barrosão, tal como Aquilino foi, por supra excelência, o escritor beirão, Miguel Torga o escritor transmontano, ou João de Araújo Correia, o escritor duriense, todos, sem distinção, criadores de um *humano localizado*, mas nem por isso menos universalista.

Com o seu passamento, a que adiciono o da Luísa Dacosta, a grande Senhora da palavra e do ensino, mais o de António Rebordão Navarro e Serafim Ferreira, inesquecíveis ficcionistas portuenses, e agora o de Manuel Dias da Fonseca, melómano e agente cultural inesquecível, Portugal, pelo menos ao norte, está a ruir na sua identidade sociocultural.

«Os Santos do Porto Fazem Milagres»

A exposição individual de pintura de Amália Soares «Os Santos do Porto Fazem Milagres» viajou até à Casa da Cultura de Melgaço. E pode ser visitada até 31 de Outubro.

«Ocupação do espaço em dípticos e parasitas»

A galeria «José Rosinhas Art Gallery Wall» apresenta, na Fábrica Social - Fundação Escultor José Rodrigues, no Porto, a exposição colectiva «Ocupação do espaço em dípticos e parasitas». A mostra de Fonte+Machado está patente até 31 de Outubro com obras inéditas dos artistas.

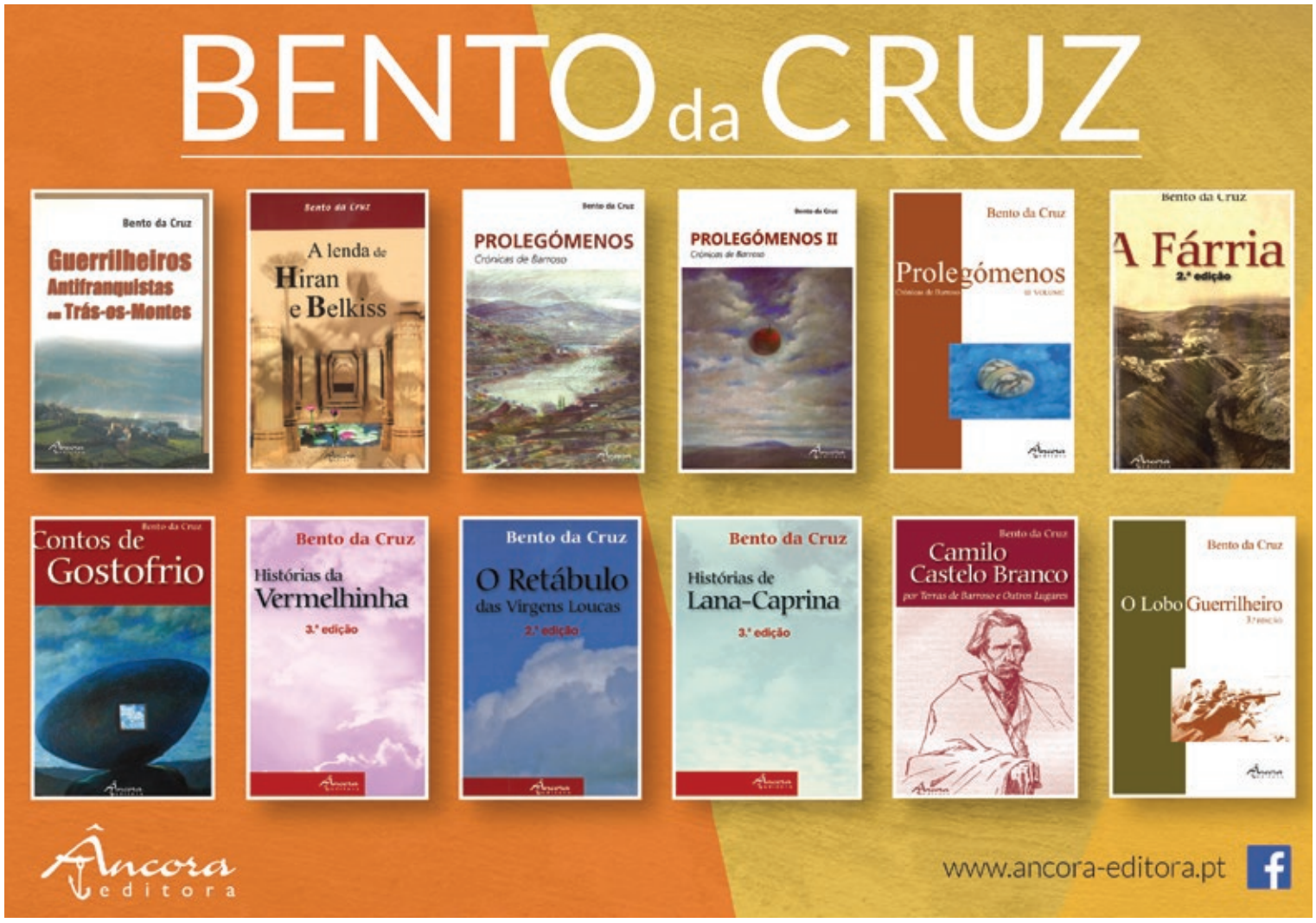
«Frame»

A Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, em Póvoa de Varzim, acolhe a exposição de pintura «Frame», de Luís Troufa, até ao dia 30 de Setembro. O artista tem vindo a desenvolver trabalho no campo da pintura, do desenho e do vídeo, participando em várias exposições e projectos nestas áreas.

«Bairros do Porto - Memórias/Tempo de Futuro»

O Antigo Matadouro de Campanhã é o palco da exposição «Bairros do Porto - Memórias/Tempo de Futuro». Este projecto expositivo "recorre às memórias dos bairros, à identidade das suas gentes e dos seus espaços, através dos testemunhos das pessoas e da arquitectura dos edifícios. Olhar para o passado, reflectir sobre o presente, perspectivando soluções de um tempo de futuro para a habitação social". Com entrada livre, a exposição está patente todos os dias, das 14h30 às 20h30, até 20 de Setembro.

PUB



Museum Fashion Art

Águeda 2015

A Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro afirma-se, cada vez mais, como um destino obrigatório na rota do turismo cultural, abraçando projectos das mais variadas áreas artísticas, tais como: Música, Pintura, Escultura, Fotografia, Artesanato, Literatura, e todas as manifestações criativas lúdico-culturais no Hoje Social.

Mas não podemos esquecer esta vertente que tanto agrada à população nas diversas faixas etárias: A Moda!

Como tal, a Fundação não nega o contributo para uma oferta cultural e artística com fortes laços de um passado construtivo de Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, num espaço único na cidade de Águeda.

Nos últimos anos, a moda desfilou nos grandes museus do mundo. Em várias cidades, abriram mesmo vários espaços dedicados a este tema, elevando o vestuário e os acessórios ao patamar de obras de arte. Por cá, a Fundação não esqueceu o vínculo tão importante na vida dos seus fundadores, como a área têxtil, que possibilitou o financiamento da colecção de Arte do nosso Museu, legado do casal que vivenciou um período crucial da Moda e o determinismo social que alcançou nas décadas de 30,40, 50 e 60 do séc. XX.

Este Evento integra o programa da Camara Municipal de Águeda para a comemoração: Dia Mundial do Turismo, Águeda, World Day of Turism.

Este projecto apresenta trabalhos dos Designers: Cláudia Gonzaga, Katty Xiomara, Joel Reigota, Paulo Rodrigues, White Arts & Crafts, não esquecendo o contributo do grupo de música Mimo Dixie Band, da cabeleireira Maria Judite, maquilhadora Beth Figueiredo, Diseur Pedro Nogueira e música do DJ Luís Godinho

Programação

21:00
Recepção dos convidados com Porto de Honra e ilustração sonora nos Jardins Quinta de S. Pedro com degustação de vinho do Porto Taylor's e música com Mimo Dixie Band;

21:45
Recital de poesia com Pedro Nogueira;

22:00
Desfile de Moda no Espaço Ágora:
Colecção de Katty Xiomara;
White Art's &Crafts, colecção de sapatilhas personalizadas;
Paulo Rodrigues, acessórios de Moda em cortiça;
Momento de Dança, com o Grupo " Instantes" com coreografia de Cláudia Pereira;
Colecção de Joel Reigota;
Colecção de Cláudia Gonzaga, com cunho de reciclagem;

23:30
DJ Luís Godinho.

Entrada gratuita

«Os Médicos Fotógrafos»

Exposição que liga médicos-fotógrafos entre Moçambique e Portugal

ISABEL FERNANDES

Clara Ramalhão, António L. Marques, João Fumane e João Schwalbach. Médicos de profissão. Fotógrafos nos tempos livres. Têm ainda Moçambique em comum, onde todos nasceram. Estão juntos no Porto – através da fotografia – de hoje (16 de Setembro), a partir das 21 horas, até ao dia 29 de Setembro, no Centro de Cultura e Congressos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos. «Os Médicos Fotógrafos» é composta por 44 obras, 10 de cada um dos participantes, num "projecto pioneiro de ligação de médicos e fotógrafos entre Moçambique e Portugal", conforme disse ao jornal As Artes entre As Letras Clara Ramalhão, que é a curadora da mostra na Invicta.

A exposição encerra (29 de Setembro) com uma tertúlia que procurará dar a conhecer a Associação dos Médicos Escritores e Artistas de Moçambique (AMEAM) – que organizou a exposição –, bem como o projecto de intercâmbio entre médicos artistas dos dois países lusófonos. Assim, o presidente da AMEAM, Helder Martins, será um dos intervenientes que se debruçará precisamente sobre a associação. Clara Ramalhão, como responsável pela vinda da exposição ao Porto, explicará o projecto pelo significado de Moçambique na sua vida: "A ligação a esta terra é naturalmente de afecto, porque foi nela que me tornei vida, desde a concepção, até ao respirar primeiro, ao bater de um coração, que em terra vermelha, imaturo e pequeno, mirava o futuro"... Lembrará as "riquezas culturais" que descobre na aliança entre dois mundos, dois países, ambos seus... E esclarecerá os seus intentos com ele: "Neste projecto que apresento aqui hoje [...] pretendo, essencialmente, unir homens grandes, "de grandes paixões, fortes de espírito", da ciência médica e da arte fotográfica, de Moçambique e de Portugal, e que se reveste de carácter absolutamente pioneiro.

Está neste acontecimento o forte e sentido desejo de deixar uma marca deste encontro magnífico entre dois mares, entre duas culturas que se interligam historicamente numa língua comum...

.... Numa mesma forma intensa e elevada de ver a vida, a única forma que nos humaniza, eternizando-nos na memória dos outros"...

A sessão – moderada por Nassalete Miranda, directora do jornal As Artes entre As Letras, e na qual intervirão ainda dois médicos convidados, Levi Guerra e Paez Cardoso, e o presidente do Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães – terá início às 21h30.

Os quatro conjuntos de trabalhos que compõem «Os Médicos Fotógrafos» estão identificados pelos seus autores. «Viagem da minha vida a Xipamanine», de Clara Ramalhão, é uma partilha, através da imagem, de momentos e de emoções: "Na condição de gente que sou, e apenas gente, sem cor, sem terra, mas em abraço com o mundo, permitam a partilha destes momentos de emoção pela imagem, fazendo transparecer, que na maior amálgama de gentes e poeira, se descobre beleza... é só mergulharmos o nosso olhar no que vemos, e ir mais fundo, sem limites de coisa nenhuma".

A série de fotografias que António L. Marques apresenta e a que deu o nome «Ruas de Passagem» "integra-se num projecto mais amplo onde se mostram aspectos da vida quotidiana noutras regiões do mundo.

A rua é o espaço onde tudo se passa e onde se cruzam vidas diferentes. É também um lugar de grande fascínio pela sua complexidade, movimento e cor". João Fumane quer "transmitir a força da luz na natureza e na obra do Homem" através das fotografias que escolheu para integrar esta colectiva e a que deu, precisamente, o nome «Luz». «Ambientes e Saúde» foi como João Schwalbach baptizou a amostra que apresenta na Ordem dos Médicos do Norte: "Sabendo que um conjunto de factores pessoais, sociais, económicos e ambientais determinam a saúde individual e comunitária", o fotógrafo não esquece o médico e "é neste âmbito que se mostram, nas presentes fotografias (por vezes dura e dramaticamente), diversos meios ambientes que tantas vezes, e infelizmente, influenciam negativamente o estado de saúde individual e comunitário".

Organizada pela AMEAM, a exposição chega ao Porto depois de, em 2014, ter inaugurado em Moçambique, no Centro Cultural Português, e antes de partir para Lisboa, para o Instituto de Medicina Tropical, a partir de 16 de Outubro.

CLARA RAMALHÃO

"Sou curioso e temeroso de tudo o que está para além do corpo de minha mãe onde sempre estou, feito de amor, desalento e incertezas no futuro, que sou eu"

«Aisthèsis, a experiência do sentir»

A exposição «Aisthèsis, a experiência do sentir» de Carlos Antunes pode ser visitada até 3 de Outubro, na Galeria Vieira Portuense, no Porto.

«Fases dum percurso»

Até 4 de Outubro, Levi Guerra expõe na Galeria Manuel Cunha da Casa da Cultura Mestre José Rodrigues, em Alfândega da Fé. A mostra de pintura «Fases Dum Percurso» é organizada pelo Município.

«São rosas, senhor»

A Galeria Porto Oriental inaugura a exposição pintura de Isabel Mourão Alves, «São rosas, senhor», no dia 26 de Setembro, às 16 horas. A mostra estará patente até 31 de Outubro.

«São Rosas III»

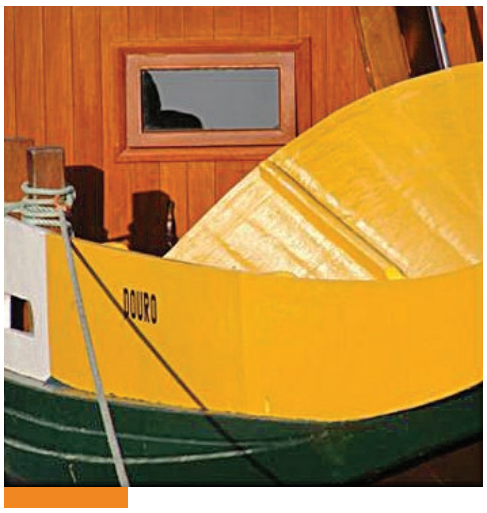
Francisco Simões na Catalunha

A Galeria Arimany, em Tarragona (Espanha), acolhe uma exposição de esculturas de Francisco Simões até 12 de Novembro. A mostra estará na Catalunha até 14 de Abril de 2016, pois de 29 de Dezembro a 17 de Fevereiro de 2016 estará patente na Galeria Mar, em Barcelona, e na Galeria Terraferma, em Lleida, entre 25 de Fevereiro e 14 de Abril de 2016. Os três espaços de arte pertencem ao Grup Art Escolà.

Exposição de pintura e escultura em Monção

Luísa Prior, Filomena Fonseca, Maria André, Teresa Heitor, Lena Álvares, Filomena Bilber e o artista monçanense convidado Ricardo de Campos integram a colectiva de mulheres patente até 30 de Setembro, na Casa-Museu de Monção. A exposição contempla obras de pintura e de escultura.

«Deu la Deu», escultura de João Cutileiro

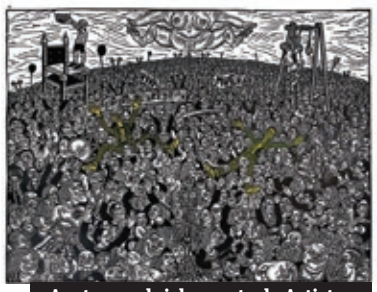


«Douro»

Miguel Schreck expõe um conjunto de fotografias, sob o título «Douro», na Traga-Mundos - livros e vinhos, coisas e loisas do Douro, em Vila Real, até 30 de Setembro.

«7+5=1»

Sete artistas, de cinco geografias, construtores de um novo arquipélago, é o mote da exposição colectiva patente na Perve Galeria, em Alfama, que reúne obras de Alex da Silva (Cabo Verde - União Africana), Benavidez Bedoya (Argentina), Carlos Tardez (Espanha - União Europeia), Choichi Nishikawa (Japão), Sérgio Santimano (Moçambique - União Africana), Subodh Kerkar (India) e Rodrigo Bettencourt da Câmara (Portugal - União Europeia). A mostra «7+5=1» pode ser até 3 de Outubro.



«Apoteose e Inichamento do Artista», de Benavidez Bedoya. Xilogravura colorida manualmente, s/ papel

«Ericeira Azul e Branco»

A exposição de aguarelas de Paulo Ossião «Ericeira Azul e Branco» está patente na Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva – Ericeira. E pode ser visitada até 27 de Setembro.

«Personagens»

A exposição individual «Personagens» de Teresa Ricca, artista representada pela Olga Santos Galeria, está patente no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Sala do Mosaico, em Braga. O conjunto de obras inéditas de pintura sobre xisto, inspirados em máscaras e pinturas faciais pode ser visitado até ao dia 4 de Outubro.

Máscara

Manuela Hargreaves
prof. de História de Arte

Do imaterial na arte

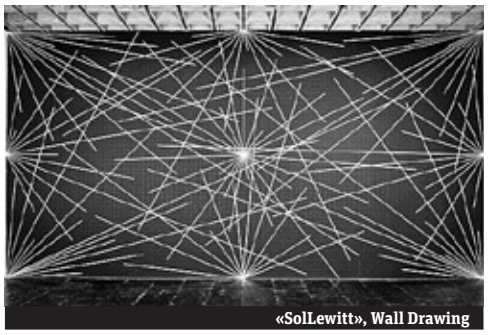
Depois de Freud e da psicanálise impôs-se uma nova ideia de arte, a de uma procura em direção ao interior. Seja ela tipificada no corpo orgânico e visceral, de alguns quadros de Soutine, de Bacon, nos corpos fatigados do escultor contemporâneo Ron Mueck, ou recuando mais atrás, no "Boi Esventrado" de Rembrandt. Na paisagem, orgânica também, é visível marca desse interior nos primeiros expressionistas, Munch, Van Gogh, Kirschner, e ainda nalguns desenhos de árvores solitárias e despidas de Schiele, e que a par o nosso Alvarez, pinta em recortes surdos da Galiza.

Essa ideia de arte introspetiva exploradora dos trilhos mais recônditos do nosso ser é tomada pelos surrealistas numa aventura a que chamaram de "automatismo psíquico", sedentos que estavam de chegar mais além do que o consciente permitia, e que se desenha nas pinturas de areia de Masson, nos "Raiogramas" de Man Ray, nas florestas assombradas de Max Ernst, nos enigmas de Magritte, ou nas "Soprofiguras" e nas "Sismografias" de Cesariny.

Já no dealbar do século XX Duchamp e os dadaístas antecipam os fundamentos do que viria a ser a arte conceptual, e mudam radicalmente a abordagem da obra de arte moderna e contemporânea. "Fountain", objeto enviado por Duchamp para a Exposição de Independentes (Nova Iorque 1917), sob o pseudónimo de R.Mutt, e recusado pela direção – de que ele também fazia parte –, vai ser reeditada 40 anos depois e adquirida por vários museus, sendo ainda hoje um ícone da arte contemporânea.

Depois dos excessos do Expressionismo Abstrato americano, e da vaga consumista da *Pop Art*, a arte dita conceptual, corrente que se afirma de forma mais vincada nos anos 60 nos EU, pretende pôr um termo à materialidade do objeto submetendo-o a um processo de depuração, e mesmo de evanescência – tal como haviam feito na pintura no inicio do século Malevich ou Mondrian.

Esta posição não é alheia do eclodir do mercado de arte no pós-guerra, transformando a obra de arte numa mercadoria de luxo transacionável a par dos bens imobiliários ou financeiros. Yves Klein terá sido um dos primeiros a levar mais além as experiências de desmaterialização do objeto, ainda nos anos 50, ao fazer exposições sobre o "Vazio" e transações de "imaterialidade" em que parte do dinheiro era atirada ao rio Sena.



«SolLewitt», Wall Drawing

Por sua vez Joseph Beuys, artista alemão, piloto da Luftwaffe durante a 2.ª Guerra, apropria-se do seu "episódio tártaro", e concebe um projeto de vida: fazer uma "escultura social" que acabasse com os males de uma sociedade doente, e fugir da racionalidade obstinada do Homem praticada de forma insana na Alemanha nazi.

Os murais de SolLewitt, realizados a partir de instruções dadas pelo artista, representam ao mesmo tempo a vontade de escapar às teias do mercado e uma forma de luta contra a arte como mercadoria, abrindo a possibilidade a qualquer pessoa de executar os seus desenhos. O Minimalismo que se encontra nas raízes da arte conceptual é nesse sentido uma arte mais democrática e livre, que se opõe ao individualismo e ao *flow* emocional, dos expressionistas abstratos americanos. De raiz expressionista, são também algumas pinturas de Ângelo de Sousa dos anos 70, num processo evolutivo de depuração e acentuação geométrica, refinamento de espessuras e densidades de tintas originando cambiantes de luz, que nos convidam a uma relação mais intimista com a pintura.

A primazia da conceção versus execução, que nos distancia do classicismo, subvertendo o que até há pouco era considerado uma obra de arte, está presente de forma pós romântica, na narrativa que envolve a obra *Erased De Kooning* de Rauschenberg. O cenário desta narrativa é o de Rauschenberg ainda jovem artista, em início de carreira, bater à porta do estúdio de De Kooning na época já um consagrado – desejando no fundo que este lá não estivesse –, munido de uma garrafa de whisky (um bom cartão de visita para os expressionistas abstratos americanos); a intenção era pedir-lhe um desenho, o objetivo conseguir apagá-lo até a imagem desaparecer (Rauschemberg conta que De Kooning procurou entre inúmeros desenhos, um que fosse realmente difícil de apagar). Este desenho ficou na história da arte como um exemplo de arte performativa que iria inspirar uma geração de artistas da década de 60.

Deste percurso em direção a uma desidentificação da imagem, fala-nos Lurdes de Castro, emigrada em França como muitos dos artistas portugueses seus contemporâneos, fixando-se num vasto mundo de sombras, como manifestação inquietante da vida, ou da presença da "ausência", como referiu Pierre Restany na apresentação dos seus trabalhos em Paris.

Este caminho, porventura acidental, da arte do século XX em direção a uma poética do imaterial, conduz a uma não materialização da posse. Lawrence Weiner vai nesse sentido dizendo: *A partir do momento em que alguém conhece um trabalho meu, ele pertence-lhe. Não há forma de penetrar dentro da cabeça de alguém e retirá-lo. Não é necessário comprá-lo porque já o experienciou.*

Nesta ordem de ideias quem de nós já não experienciou obras de arte que, apesar de não se materializarem fisicamente, ficaram a pertencer-nos no mais íntimo do nosso ser?

Ainda exemplo de arte conceptual, a peça *The impossibility of death in the mind of someone living*, um tubarão conservado num enorme tanque de formol, concebida – mas não executada – em 1991 por Damien Hirst, o *bad boy* da arte contemporânea. Hirst surpreende o mundo artístico na sua fase mais criativa para nos fazer chegar uma mensagem alusiva à forma como encaramos a morte, ou mais ainda, questionando se seremos capazes de a imaginar na nossa condição de seres vivos (corroborando assim uma inscrição gravada na lápide de Duchamp *D'ailleurs c'ést toujours les autres qui meurent).* Para esse efeito escolhe o tubarão animal predador entre os predadores, que simboliza o medo e a morte, mas ao mesmo tempo nos fascina.

Pode-se assim concluir que a obra de arte vai muito mais além da representação do objeto – ou da sua posse. Uma grande parte daquilo que foi feito pós anos 60, e que encontra raízes muito atrás logo no dealbar do século XX – quando Rodchenko, tomado de uma reflexão, quiçá revelação momentânea, expôs um tríptico com o sugestivo título "A Última Pintura" ou "A Morte da Pintura" (1921) –, é reveladora dessa tendência, que apesar de não cumprida, várias vezes essa morte tenha sido anunciada.

Helena AM Pereira
museóloga

Às voltas com o Infante D. Henrique, a História e a Arte

No agosto das comemorações dos 600 anos da tomada de Ceuta, a aventura da viagem levou-nos até Sagres, promontório de todos os mitos e sonhos e, nas palavras do Dr. Artur de Jesus, da Câmara Municipal de Vila do Bispo, "na esquina mais importante da Europa". Ali, além do mar imenso, é a **Pousada do Infante** quem nos surpreende e nos desafia a escrever. Trata-se de um projeto inicial do arquiteto **Jorge de Almeida Segurado** (1898-1990), mandada construir em 1960, no âmbito das comemorações dos 500 anos da morte do Infante D. Henrique. O projeto das Pousadas de Portugal tem origem na Lei 31.259 de 1 de maio de 1941, por iniciativa de **António Ferro**, o homem de Oliveira Salazar que vem dar resposta "às necessidades individuais dos artistas e coletivas da nação", nas palavras de **José-Augusto França** (n. 1922), que desde há vários anos vinham sendo apresentadas, tendo **Almada de Negreiros** (1893-1970) como o porta-voz das reivindicações. Em janeiro de 1933, Almada começava na Sociedade Nacional de Belas Artes uma conferência sobre "Arte e Artistas" com a frase: "*A palavra mais desconsiderada hoje em Portugal é a palavra artista. Desconsiderada, desprestigiada, falida, e posta fora de cena e da vida. Não haja receio de afirmar isso mesmo, rendidos estamos pela evidência das realidades.*"

O objetivo inicial das Pousadas de Portugal era o de "*alojar os visitantes e fornecer-lhes a alimentação no respeito por cada região.*" Em 1942, António Ferro afirma que "*quando um hóspede deixar de ser tratado pelo nome, para ser conhecido pelo número do quarto que ocupa, estaremos completamente desviados do espírito das Pousadas.*" Na década de 1950, o conceito alarga-se, cruzando-se com as preocupações da DGEMN, e as pousadas passam a instalar-se em edifícios e monumentos históricos, castelos, conventos e mosteiros, alguns abandonados ou em estado de degradação e especialmente recuperados para o efeito.

António Ferro torna-se, no contexto da sua atividade como jornalista, simpatizante dos regimes ditatoriais europeus do seu tempo e, em particular de Benito Mussolini (1883-1945), e é ele quem sugere a Salazar, em 1932, a criação de um organismo que fizesse propaganda aos feitos do regime. Foi dele, também, a formulação doutrinária da chamada ***Política do Espírito***, nome que teve em Portugal a política de fomento cultural subordinada aos fins políticos do regime.

Baixo relevo, datado de 1961, que encontramos na entrada da Pousada do Infante, Sagres

Em março de 1935, ao discursar no banquete comemorativo da primeira das catorze exposições anuais "de Arte Moderna" que o SON/SNI faria até 1951, António Ferro anuncia já uma série de relações estabelecidas com "os novos artistas", alguns já com contratos feitos e/ou convites dirigidos. **Jorge de Almeida Segurado** é um destes nomes.

A partir de final da década de 1930, a obra de Segurado inflete, acompanhando a generalização do estilo oficial do Estado Novo, frequentemente apelidado de ***Português Suave***, que determinou o "regresso aos múltiplos formulários neoconservadores e tradicionalistas." Projeta os pavilhões de Portugal nas Feiras Internacionais de Nova Iorque e São Francisco (1939) e o núcleo das *Aldeias Portuguesas* da Exposição do Mundo Português (1940). Estão na lista de projetos da sua autoria o Liceu D. Filipa de Lencastre, em Lisboa (1932-38), a Galeria UP, em Lisboa (1933), ou o edifício da Casa da Moeda (1934-38). A Pousada do Infante é a última obra que lhe é atribuída.

Logo na primeira fase de construção da pousada, a mesma é dotada de um conjunto de obras de arte que refletem, necessariamente, a política e gosto de António Ferro. Contudo, a primeira que nos recebe, datada de 1961, é de assinatura indecifrável. Alguns nomes apresentam-se, contudo, como possibilidades. **Leopoldo de Almeida** (1898-1975), que está com Cottinelli Telmo (1897-1948) no projeto do *Padrão dos Descobrimentos* para a *Exposição do Mundo Português* (1940), e que é considerado por Rui Mário Gonçalves (1934-2014), depois de Francisco Franco (1985-1955), o escultor oficial do regime. Leopoldo de Almeida já tinha colaborado com Jorge Segurado na execução do friso para a Casa da Moeda. Por outro lado, é da autoria de **Álvaro de Brée** (1903-1962), uma estátua ao infante D. Henrique, em bronze, que se encontra, atualmente, em exposição no Forte de S. Vicente.

No interior da Pousada do Infante encontramos duas tapeçarias da autoria de **Cândido Costa Pinto** (1911-1977), artista que, habitualmente, associamos ao surrealismo português. Nas tapeçarias "Epopeia Marítima" e "A Fé e o Império" (1960), numa produção com a **Manufatura das Tapeçarias de Portalegre**, revemos o surrealismo de Costa Pinto, fortemente influenciado pelo academismo figurativo de Dali, em cenas narrativas de marcada dimensão alegórica ou de acumulação fragmentária de citações devedoras também do Bosch.

Por fim, encontramos a marca da vanguarda do escultor **João Cutileiro** (n.1937), numa escultura ao Infante D. Henrique, de 1996, que recupera a tradição do mármore a que o alentejano já nos habituou, mas faz uma clara alusão à força da pedra das praias da Costa Vicentina. Uma descoberta incrível daquela que será, uma das mais bem conseguidas representações iconográficas d' *O Navegador* e um dos mais sublimes trabalhos de João Cutileiro, o homem que em 1970 disse, ironicamente, a propósito do monumento a D. Sebastião que podemos encontrar em Lagos, que desistira da escultura, passando a ser apenas "um fazedor de objetos destinados à burguesia intelectual do ocidente" espantando os escultores do seu tempo que o consideravam um artista menor.

Rui Nunes
prof. catedrático UP

Cidade Criativa

Vivemos hoje numa grande Aldeia Global. Mas, a par deste fenómeno centrípeto que é a globalização, onde as diferenças ideológicas e culturais tendem a esbater-se, e onde as preferências individuais tendem a harmonizar-se, assiste-se a outra evolução civilizacional que é o desenvolvimento de uma "cultura urbana" potenciada pelo facto de que ainda neste século mais de 70% da população mundial viverá na cidade. No plano estritamente económico, alguns autores sugerem mesmo que a economia global tem sido sujeita a um controlo altamente concentrado através de algumas cidades que são locais estratégicos para a produção de comando e controlo. Esta evolução que se tem verificado nas grandes metrópoles cosmopolitas repousa numa cultura de respeito e de tolerância, permitindo assim que a criatividade atinja o seu limite. Ou seja, hoje, cidade é sinónimo de desenvolvimento, de cultura, de qualidade de vida, e de autorrealização pessoal. E neste ambiente global, uma coisa parece certa: pessoas criativas necessitam de cidades criativas.

Ou, noutra perspetiva, não pode existir uma cidade moderna e desenvolvida, cosmopolita e integradora, se não estiver dotada de um elevado índice de criatividade. E o que é então uma cidade criativa? Este conceito foi proposto algumas décadas atrás, entre outros, por Åke Anderson e Richard Florida, antecipando a modernidade e moldando a evolução demográfica. O ponto crucial é a importância económica, social e cultural da "inovação", tanto de artistas, *designers*, e outros agentes culturais, como da criatividade ligada à ciência e inovação com posterior translação para a economia real. Também Dean Simonton abordou este conceito numa dimensão psicológica influenciando decisivamente o pensamento neste domínio. O reconhecimento do poder da economia simbólica associado à cidade criativa origina uma nova dinâmica nas atividades tradicionais.

Para Åke Anderson a criatividade é um conceito abrangente mas com uma óbvia dimensão económica: "A criatividade é um processo que origina um fluxo de ideias de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Para o processo ser considerado criativo, especialistas reconhecidos – mais cedo ou mais tarde – terão que considerar esse fluxo de ideias como inovador e, pelo menos potencialmente, útil para consumidores, produtores ou outros criadores". Já para Simonton "a criatividade é um conceito abrangente estando relacionado com um ideal que cumpre dois requisitos essenciais: primeiro, a ideia deve ser nova ou original... segundo, a ideia deve útil, funcional ou adaptativa. Em suma deve funcionar".

Para Åke Anderson existem sete condições para uma cidade ser verdadeiramente considerada como uma cidade criativa, devendo existir:

1. "Uma massa crítica acumulada de riqueza e de crescimento económico;
2. Uma população de elevada dimensão;
3. Uma rede de pessoas sedentas de conhecimento;
4. Uma intensa rede de comunicações com outras regiões;
5. Uma sociedade aberta, tolerante, e participada;
6. Um desequilíbrio entre as necessidades percebidas pela população e a provisão efetiva de determinados bens;
7. Uma instabilidade estrutural de diferentes atores sociais e nos paradigmas, científico, artístico e filosófico".

A formação de *clusters* criativos e culturais – por exemplo Silicon Alley em Nova Iorque – denota bem a emergência de uma nova forma de organização territorial na cidade criativa e corresponde à ideia seminal de Richard Florida de que o local é o determinante da transformação económica e sociológica da cidade e mesmo da sociedade como um todo. Um *cluster* criativo é uma zona urbana claramente identificada onde uma elevada concentração de atividades culturais estimula a presença de outras atividades e serviços concorrentes. Na cidade criativa diferentes agentes interagem e autopotenciam-se.

A criatividade permite assim a geração de áreas urbanas mistas onde as indústrias criativas, as atividades culturais, bem como a ciência e a inovação, se interliguem, reinventado a linguagem de uma nova identidade social. E a conceção tradicional de cultura deve abrir espaço a novas realidades culturais como as indústrias criativas, ainda que exista entre ambas uma clara distinção a nível dos modos de produção, bases institucionais e conteúdo estético. De facto, se é legítimo argumentar que desfrutar de um museu de arte moderna não deve ser limitado aos estratos favorecidos da sociedade – correspondendo a uma expetativa legítima de todos os cidadãos – a economia criativa subjacente aos *new media*, à Internet, às telecomunicações, aos *media* digitais, ao desenvolvimento de *software*, à biotecnologia, ao desenho de jogos, à tecnologia financeira (*fintech*), bem como o seu ecossistema específico, exigem níveis de empreendedorismo que dificilmente poderiam ser suportados pela solidariedade contributiva da sociedade.

As sinergias potenciais bem como os benefícios indiretos da cidade criativa induzem a uma osmose de reciprocidade entre a universidade, os centros tecnológicos, as indústrias criativas, os agentes culturais porque, em boa verdade, a criatividade é inerente à natureza humana. O Centro Cultural de Belém ou a Fundação de Serralves são bons exemplos. Existem três dimensões que se interrelacionam na cidade criativa – 3Ts – e que devem convergir para um pleno desenvolvimento urbano através da criatividade: tecnologia, talento e tolerância. Pelo que uma cidade criativa deve ser também uma cidade global, cosmopolita, sustentável e culturalmente diversificada. A marca genética é a conjugação de distintas atividades económicas em cidades com caraterísticas muito peculiares. Por isso se compreende que qualquer cidade moderna e vibrante associe sempre a criatividade ao desenvolvimento.

NOTA

Excerto do texto apresentado na sessão comemorativa do sexto aniversário do jornal As Artes entre As Letras

Bragança dos Santos
prof. aposentado, cantor e autor

Sobre o Absurdo "Ortográfico"

Já muito se falou e escreveu sobre o mais recente *acordo ortográfico*. Sim, porque já se verificaram alguns outros, ao longo do século XX. Mas, sobre este, houve quem tivesse sublinhado, até, a mal fadada auto-estima de ser português; a abstrusa tendência de insistirmos na subserviente ideia de ceder perante os outros, sem justificação nem sentido aparentes. E concordamos, porque não tem razão de ser o esfarrapado argumento dos defensores do "*acordo*" (?!), quando invocam a convergência ortográfica... como se tal fosse possível! Como se a História, a Psicologia, a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, a Geografia, a Gramática ou a Linguística, integradas na cultura da habitual intersubjectividade contextual da existência, pudessem ser vergadas por uma decisão ridícula, servil ou ingénua, aprovada por uma mão cheia de políticos, não só incapazes de perceberem a origem, a estrutura, o significado, a importância e o alcance da Língua Portuguesa, mas também coniventes na tarefa contumaz de delapidação da dignidade da soberania nacional – "*a minha Pátria é a Língua Portuguesa*", escreveu **Fernando Pessoa**.

Conseguem imaginar a Inglaterra, a França ou a Espanha a estabelecerem *acordos ortográficos* com as ex-colónias?! Pois, é isso mesmo! Nós também não! É que a natureza das coisas é a natureza das coisas, e qualquer língua evolui na-tu-ral-men-te, não podendo nem devendo ser abruptamente amputada, descaracterizada ou falseada... por decreto.

Sem mais delongas, convém agora referir que a parte da gramática que estuda a origem das palavras é a etimologia; e *étymon* (étimo) + *lógos* (estudo) são palavras gregas que significam respectivamente – verdadeiro, certo + conhecimento. Para quê, portanto, tanto empenho em falsear a Língua de Camões, torpedeando o seu real conhecimento e aplicação?!

E que dizer, então, da tão esgrimida necessidade de convergência? Esta não passa de simples representação mágica, de resto, e por isso mesmo, absolutamente impossível de concretizar, de quem continua a laborar em erro, pelas razões atrás apontadas. Mas há mais, e agora, por respeito para com os povos outrora colonizados, **mil vezes miscigenados e aculturados**, passamos a fundamentar o nosso ponto de vista, através de citações de dois autores brasileiros.

Conforme refere o escritor e historiador Laurentino Gomes (2010, p. 51), a ortografia adoptada no Brasil radica na institucionalização da asneira, já que, em 1822, ano da independência da colónia, "(...) *De cada três brasileiros, dois eram escravos, negros forros, mulatos, índios ou mestiços. Os analfabetos somavam mais de 90% dos habitantes. Os ricos eram poucos e ignorantes* (...)". Segundo Ribeiro (1995), no início do século XX, a percentagem de analfabetos mantinha-se ainda nos 90%.

Mas o "*melting pot*" continuaria: entre 1886 e 1930, imigraram para o Brasil 1 milhão e 700 mil portugueses, 1 milhão e 600 mil italianos, 700 mil espanhóis, 250 mil alemães, 230 mil japoneses, para além de outros contingentes menores (Ribeiro, 1995, p. 241 e 242).

Para que não restem dúvidas, atentemos uma vez mais na visão desassombrada do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro, que refere o português como *uma língua que o brasileiro refez* (Ribeiro, 1995: p. 220). E, na mesma obra, este incansável estudioso define os brasileiros como sendo: "*Uns latinos tardios de além-mar, amorenados na fusão com brancos e com pretos, deculturados das tradições de suas matrizes ancestrais, mas carregando sobrevivências delas que ajudam a nos contrastar tanto com os lusitanos*" (Ribeiro, 1995: p. 130).

Evidentemente que, quando se fala em "*acordo ortográfico*", seja lá o que isso for, só é possível que se esteja a configurar uma qualquer representação fragmentária e distorcida da realidade, em resultado de uma perturbação da relação com a mesma. Refira-se, a talho de foice, também o que se tem vindo a verificar com o *português* que Portugal deixou de reciclar – devido ao abandono (fuga) maciço dos habitantes não autóctones e ainda parte dos aborígenes, caucasianos ou não – no território de Angola, logo após a independência (11 de Novembro de 1975), na sequência da mudança de regime (25 de Abril de 1974); e em Moçambique; e na Guiné-Bissau; e em Timor; e em São Tomé e Príncipe; e em Cabo Verde... já para não falar de Macau ou de Goa, Damão e Diu. Claro, o fenómeno é idêntico: exerce-se, sem apelo nem agravo, uma dialéctica de influências, que naturalmente *refaz o português*, falado e escrito, forçando a gramatologia ao sabor do tempo e das culturas linguísticas locais. Quanta diversidade e divergência! Mas, é mesmo assim! Contra factos não há argumentos... nem decretos.

Em 21 de Maio de 2015

Miguel Leite
divulgador musical

E se falássemos de música?

Nós, os Portugueses, somos particularmente maus a divulgar o nosso património cultural e artístico.

Esta afirmação é tanto mais válida e correcta quando se refere à nossa Música.

A este propósito permito-me contar-vos hoje dois episódios esclarecedores e paradigmáticos que se passaram comigo:

1 - No já longínquo ano 2000, quando transportava no meu carro um conjunto de convidados do Festival e Concurso Internacional de Guitarra da Trofa de regresso ao hotel onde ficariam alojados, o leitor de CDs do automóvel começou a tocar a *1.ª Sonata para Violino e Piano* de Luís de Freitas Branco (1890-1955), na versão do Violinista Tibor Varga e do Pianista Roberto Szidon (Ed. Strauss de 1995).

Madame Danielle Ribouillaud – então Directora da Revista *"Les Cahiers de La Guitare"*, Doutora em Musicologia pela Universidade de Paris-Sorbonne, colaboradora regular das Rádios "*France Musique*" e "*France Culture*" – disparou então subitamente em francês:

- Ah! Que Música maravilhosa! É César Franck, não é?

Respondi apenas:

- Não, não é, Madame.

Então, e não obstante a origem belga deste compositor, insistiu:

- Bem... Mas isto é certamente Música de um Compositor Francês do Século XX que neste momento não estou bem a reconhecer...

- Não, Madame, não é. – Repeti.

- Não me diga que é de um Compositor Português!? Não é possível! Não posso acreditar!

- Efectivamente, Madame. É a 1.ª Sonata para Violino e Piano de Luís de Freitas Branco.

Encurtando pormenores: ofereci-lhe o CD. Tempos mais tarde escreveu-me, agradecendo-me uma vez mais o facto de lhe ter dado a conhecer um Compositor tão importante e mostrando-se embaraçada por nunca até então ter sequer ouvido falar de Luís de Freitas Branco.

2 - O 2.º caso passou-se com um dos convidados do Ciclo de Concertos "Pianistas Bracarenses", que organizei em Braga em 2009 e 2010, o Pianista Domingos Costa.

À época aluno da Hochschule für Musik Stuttgart, contou-me, a propósito da sua interpretação das *Variações sobre um Tema Popular Português Op. 1* de Fernando Lopes Graça (1906-1994) que um dos seus professores desta prestigiada Universidade Alemã nunca tinha ouvido falar neste Compositor.

Inquirido pelo aluno sobre quais os Compositores Portugueses que ele conhecia terá então respondido: Carlos Seixas (1704-1742) e muito vagamente um tal Emanuel Nunes (1941-2012) embora relacionando este último muito mais com a França e com o IRCAM (*Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique*) de Paris do que propriamente com Portugal.

Como Português senti-me indignado.

Escrevi-lhe uma carta e enviei-lhe pelo correio a integral das Sinfonias de Joly Braga Santos (1924-1988) nas magníficas interpretações das gravações mais recentes do Maestro Álvaro Cassuto para a Editora Naxos (colectânea que inclui as 6 Sinfonias e mais 11 peças sinfónicas deste compositor).

Um mês depois recebi a resposta deste professor, também ele agradecendo-me o facto de lhe ter dado a conhecer um compositor tão fantástico e mostrando-se igualmente envergonhado por desconhecer até aí a Música de um dos mais extraordinários Sinfonistas do Século XX.

Servem estes dois episódios para reforçar a ideia inicial deste artigo.

Portugal tem e teve sempre (em todas as épocas musicais) excelentes compositores que nos legaram um património valiosíssimo que pode muito facilmente ombrear com o de qualquer outro país.

O mal não está, nem nunca esteve, na produção, mas sim na quase total ausência de divulgação.

Divulgar e projectar internacionalmente um património do qual todos nos deveríamos orgulhar é uma obrigação, um dever, que poucos têm cumprido de forma tão exemplarmente eficiente como o já citado Maestro Álvaro Cassuto.

Deveria ser algo normal, perfeitamente corrente.

Não é.

Por isso, o esforço individual é altamente meritório mas é e será sempre insuficiente.

Rídiculo até se o compararmos com o que a esse nível se faz nos outros países.

E também não se pode dar a conhecer aos outros aquilo que nós próprios desconhecemos... (Parece-me bem que o grande mal reside aí mesmo!)

Nunca ouvi um político português dizer que nunca tinha ouvido falar em Camões ou n'Os Lusíadas...

Pelo contrário, já ouvi muitos dizerem:

- Sabe, é que eu de Música não percebo nada... (Isto noutro qualquer país europeu é o mesmo que se dizer que se é analfabeto).

Então eu pergunto:

Porque é que não se vêem programadas com uma frequência e regularidade normais a integral das Sinfonias de Luís de Freitas Branco e de Joly Braga Santos (por exemplo) pelas Orquestras Sinfónica Portuguesa e Orquestra Sinfónica do Porto - Casa da Música (estatais), bem como devidamente programadas temporadas musicais que incluam e destaquem a Música Portuguesa de ontem, de hoje e de sempre, de todos os grandes compositores portugueses nas grandes salas de concertos deste país, sem quaisquer desvios? Assumidamente. Com verdadeiro reconhecimento pela inequívoca qualidade daquilo que é o nosso precioso património musical.

Quando é que os Programadores e Directores Artísticos das Grandes Salas de Concertos em Portugal deixarão de ter o complexo provinciano de não fazer tocar com regularidade e dignamente (com número de ensaios suficiente) as obras sinfónicas (e não só) dos compositores portugueses?

Já que tanto apreciam o que é internacional porque é que não prestam mais atenção a algumas críticas internacionais altamente elogiosas às gravações de obras de compositores portugueses, de entre as quais destaco (entre muitas outras possíveis) a atribuição do ***Prix International du Disque de 2004 – Cannes*** com a 4.ª Sinfonia de Joly Braga Santos pela National Orchestra of Ireland, também ela sob a Direcção do Maestro Álvaro Cassuto?

Qualquer país civilizado tem orgulho no seu património artístico.

Então porque é que insistimos neste erro, nesta burrice?

Pergunto ainda: o que é que os senhores da troika foram ver e ouvir quando estiveram em Lisboa?

Brahms? Haydn? Mozart? Beethoven?

Lopes-Graça, Victorino d' Almeida, Frederico de Freitas ou Armando José Fernandes não ouviram seguramente.

Ou terão ido só aos Fados? (Até ouvi dizer que a um deles roubaram a carteira no famoso eléctrico dos turistas...)

Um país que se diz europeu, com mais de oitocentos anos de história, só pode afirmar-se, projectar-se e progredir verdadeiramente se apostar em desenvolver-se deixando indelevelmente e sem qualquer tipo de complexos a sua marca própria. E isso refere-se antes de tudo o mais à sua Cultura, aos seus valores intrínsecos da Música, do Cinema, da Pintura, da Literatura, naturalmente diferentes das dos gregos, dos suecos, dos alemães ou dos noruegueses.

E aí também terá de estar a nossa Música.

Basta!

Algum dia teremos de mudar.

Nota Final: A minha insistência de hoje neste assumido elogio público ao Maestro Álvaro Cassuto prende-se com o facto deste Chefe de Orquestra já ter gravado mais de 20 discos de música sinfónica portuguesa – um esforço incomparável com quaisquer trabalhos congéneres realizados por qualquer outra figura do meio musical português.

Artur Serra Araújo
argumentista e realizador

A Moldura do Pensamento

Tenho uma frase inscrita num rectângulo branco, em forma de moldura, na minha casa de banho. Como se quatro réguas de madeira conseguissem conter uma informação, um segredo ou um pensamento dentro de uma forma geométrica. Nunca pensei na função delimitadora de uma moldura porque até agora achava que ela não existia. O acto de emoldurar nunca pressupôs, do meu ponto de vista, uma delimitação entre o objecto e o mundo exterior. Na prática, a moldura recorta o objecto do espaço e destaca-o no nosso campo visual mas simultaneamente o nosso intelecto desloca-o para uma dimensão vasta e infinita. Nessa transição, o espaço físico desvanece-se e o espectro emocional trespassa o interior da forma geométrica remetendo o conteúdo da moldura para o reduto da nossa consciência. É por lá que se geram as associações e transformações necessárias para que a obra adquira uma forma artística e perdure na nossa consciência até ser devolvida à rigidez geométrica da madeira e à inerente área circunscrita. Depois disso, podemos virar costas, passar para a próxima moldura e reiniciar o processo.

Infelizmente, a função delimitadora da moldura afinal existe e acabou por se revelar fatal para uma aranha de pequenas dimensões que escolheu a minha casa de banho para passar os últimos três dias da sua vida. Acreditando que o orifício responsável pela entrada do intruso seria o mesmo que lhe permitiria regressar à liberdade, deixei-me entusiasmar pela possibilidade de inverter a funcionalidade da moldura e durante três dias visionar a acção que decorria dentro dela. De cada vez que me deslocava ao referido espaço, contemplava a actividade da aranha e o percurso pouco consciente que a mesma efectuava dentro das quatro réguas de madeira. Pela primeira vez o conteúdo de uma moldura ficava restringido à sua forma. Talvez pela escassez de alimento e pela fraca probabilidade de o encontrar naquela restrição espacial, percepcionei que gradualmente a aranha ia perdendo o interesse em permanecer naquele lugar. "Somewhere better than this place" é a inscrição impressa na folha de papel que a moldura contém e reforça ironicamente a ideia de que a aranha preferiria realmente estar noutro sítio. Inevitavelmente, o tempo de vida da aranha esgotou-se e a sua figura enregelada, praticamente fossilizada num dos cantos da folha branca, recorda-me diariamente os perigos de ficar preso entre os parâmetros demasiado espessos e rígidos do pensamento.

Igualmente perigoso e realisticamente sórdido é o trabalho do vigilante de sala de um museu contemporâneo. Reside durante todo o expediente laboral dentro de uma sala suficientemente hermética para se assemelhar à moldura branca onde a aranha morreu. Contendo uma cadeira desconfortável, duas ou três obras e uma ocasional passagem humana, o local de trabalho de um vigilante é uma privação atroz da liberdade. Enclausurado durante horas num rectângulo de arestas brancas e praticamente vazio, o vigilante é forçado a espreitar continuamente pela mesma moldura. Na ausência de uma janela para o exterior, resguarda a sua sanidade através da obra que encara de frente, tentando inverter continuamente a privação de tempo e de espaço que experiencia. A sua mente viaja, procura ultrapassar a função delimitadora daquelas paredes, descobre pormenores e abrigos de interesse que o acolhem durante espaços intermitentes pautados pela passagem fugaz de cada estranho. Não me é difícil entender que depois de horas a percorrer forçosamente uma obra e a memorizar cada pormenor, o vigilante se deixe abater pela indiferença que um visitante dirige à mesma. As pessoas viram costas, espreitam por novas molduras e seguem o seu percurso até ao infinito mundo exterior. O vigilante permanece ali: sentado, esquecido no canto da moldura que delimita a sua liberdade.

Algures entre a pequena aranha e o vigilante esquecido, está um ser humano acéfalo. Incapaz de pensar pela própria cabeça, emprega o seu tempo na construção monstruosa de teias de opinião que amarram leitores desprevenidos mas que deixam frequentemente escapar o alimento que o seu cérebro apreciaria. Com as salas de cinema a roncarem de fome e determinadas espécies a arrotarem críticas degenerativas, a moldura cinematográfica nacional corre o sério risco de enregelar dentro da delimitação criativa que a arrogância impõe. É absolutamente incompreensível como se continua a espreitar cinema com umas pantufas calçadas e a renegar todo e qualquer filme que convide os espectadores a visitarem os espaços de exibição cinematográfica. Actualmente são cada vez menos os seres humanos que se predispõem a passar duas horas fechados numa sala a olharem para uma moldura onde não conseguem entrar e da qual muito menos sair. Se uma obra nacional, seja ela qual for e de que qualidade for feita, conseguir persuadir meio milhão de pessoas a visitá-la, temos que lhe estar gratos. Ao invés da aranhita, os distribuidores e exibidores nacionais não vivem do ar nem das moscas. É cada vez mais necessária toda a espécie de espectadores que possa contribuir para o financiamento do aparelho cinematográfico e subsequentemente são dispensáveis os vigilantes convictos que recusam abandonar as linhas dogmáticas que sustentam o bacoco idealismo dos anos sessenta. É complicado convencer uma aranha a regressar ao exterior pelo orifício por onde entrou, mas talvez se consiga convencer um vigilante a conhecer o mundo.

Luís Cabral
bibliotecário, arquivista

Se as casas não tivessem memória

Se as casas não tivessem memória, como haveríamos de contar as suas histórias, como poderíamos construir-lhes os sonhos? Retalho a retalho, vamos tecendo este espaço de muitas vidas, até um dia, talvez, lhes sentirmos bem o carácter, mais as cores, melhor as tradições...

O Palacete dos Viscondes de Balsemão VI

Carlos Alberto, um rei exilado no Porto

Podemos dizer que a vocação cultural desta "Casa Balsemão", como era ao tempo chamada, não terminou com o sequestro e a transferência da biblioteca do 2.º Visconde de Balsemão para a Real Biblioteca Pública do Porto em 1834.

Quase logo a seguir, arrendado o espaço à Viscondessa viúva de Balsemão, foram para aqui transferidas, entre 1834 e 1837, as aulas da Academia Real de Marinha e Comércio (a partir de 1837, Academia Politécnica do Porto), estabelecimento de ensino de importância fundamental para a cidade e para a região. Deste modo viabilizava-se também, por mais algum tempo, a manutenção do hospital militar no edifício do Colégio dos Meninos Órfãos de Nossa Senhora da Graça (hoje sede da Reitoria da Universidade do Porto).

Pouco depois, em 1840, António Bernardino Pexe (assim ele assinava), que estava estabelecido na Rua do Bonjardim, abre aqui uma nova hospedaria, aproveitando as oportunidades de negócio que a zona dos Ferradores lhe oferecia.

É justamente neste período que o palacete e a praça que lhe fica fronteira recebem a sua marca mais distintiva. Tal deve-se à estadia, se bem que por uns brevíssimos oito dias (de 20 a 27 de Abril de 1849), do Rei Carlos Alberto da Sardenha, enquanto aguardava que lhe fosse preparada a casa da Quinta da Macieirinha, onde virá a falecer três meses mais tarde. Tinha entretanto passado por uma modesta casa adjacente ao Palácio dos Carrancas.

Não cabe fazer neste texto uma biografia de Carlos Alberto, mas sim centrarmo-nos nos sinais que nesta casa e seu espaço envolvente deixou a curta mas inesquecível passagem do Rei, a quem foi atribuída a melhor dependência da Hospedaria, onde outrora estivera a Biblioteca do Visconde de Balsemão.

A entrada de Carlos Alberto na Cidade e a sua chegada à Hospedaria do Pexe, aos Ferradores, é-nos descrita num vivo texto de A. Magalhães Basto em "O Porto do Romantismo". Recebido

Carlo Alberto, l´illustre esule a Oporto. Torino, 1849

com pompas, chega completamente exausto, tendo de ser levado em braços pela escadaria. Nada mais queria do que retirar-se e descansar... O derrotado da Batalha de Novara é agora o exilado, no Porto. Aqui chegava triste e doente.

Tinham-lhe oferecido para residência palácios e casas senhoriais: a Rainha D. Maria II, o Bispo do Porto, o Conde de Terena e o Barão de Forrester. Mas Carlos Alberto, que aqui estava como simples Conde de Barge, acompanhado por dois criados, aquilo a que aspirava era ao isolamento e à paz de espírito.

"O Porto, segunda cidade do reino de Portugal, nos confins do continente europeu, mais de mil milhas distante da Italia, afastado da residencia da côrte com a qual não há frequentes communicações, lhe pareceu logar apropriado ao seu designio" (Egidio Da-Fieno).

E o mesmo biógrafo escreveu: "Carlos Alberto chegava ao Porto a 20 do mez d'Abril depois d'uma jornada de vinte e sete dias, os ultimos quatro a cavallo. Era acolhido com honras reais, e do povo com signaes de sympathia que cresciam inextimavelmemte logo que era conhecido, de maneira que muitas vezes andando e voltando da casa de campo do Rei eramos demorados no caminho e cercados com saüdações de 'Senhor Carlos Alberto'. Permaneceu uma semana na hospedaria do *Pexe*, onde se apeou; tomou depois residencia n'uma pequena casa da *rua dos Quarteis*, contigua ao palacio outr'ora habitado por D. Pedro, em que não havia senão tres ordinarios quartos. Durante aquelle tempo sahiu a cavallo para visitar as primeiras authoridades. A 10 de Maio transferiu-se para a casa de campo do Snr. Ferreira Pinto, collocada no meio d'um delicioso jardim na margem direita do Douro, donde, da janella do seu quarto de dormir, S.M. via o curso d'elle até ao mar".

Da estadia de Carlos Alberto neste Palacete ficaram memórias cuja preservação devemos sobretudo ao Visconde da Trindade: o tratamento que deu ao aposento real, hoje dito "Quarto do Rei", com um teto ostentando pinturas alusivas e, sobretudo, um belíssimo memorial em mármore. Do breve espólio aqui exposto salienta-se um desenho de Francisco José Resende, retratando o Rei na vizinha Igreja do Carmo. Refira-se ainda o registo das visitas do Príncipe Humberto de Sabóia (1862), D. Luís I e D. Maria Pia (1863) e D. Fernando I (1865).

O Porto soube receber um rei e despedir-se dele. Ficou-nos a sua memória nesta casa e nesta praça que, em fevereiro de 1852, recebeu o nome de Carlos Alberto, "em tributo de gratidão memoria de sua Magestade El Rei da Sardenha, fallecido dentro dos muros da mesma Cidade, pelas lizongeiras expressões com que sempre tratára os Portuenses". Era Presidente da Câmara José António de Sousa Basto, em breve Visconde da Trindade, de quem falaremos em seguida.

NOTA
Próximo artigo: 14 de Outubro
"O Visconde da Trindade"

Nova dinâmica da Academia de Letras de Trás-os-Montes

Uma nova dinâmica para as Letras em Trás-os-Montes, a dinamização e divulgação dos autores transmontanos, a aposta no envolvimento e sensibilização dos jovens da Região são algumas das resoluções dos novos corpos gerentes da Academia de Letras de Trás-os-Montes, cuja sede se situa em Bragança. Assim, os membros da nova Direcção realizaram já várias visitas de apresentação das suas linhas gerais de orientação aos vários presidentes das câmaras de Trás-os-Montes. As visitas têm como finalidade "dar a conhecer essas referidas linhas gerais, apresentar a disponibilidade para colaborar com as autarquias e outras instituições transmontanas, tendo sempre em vista a sensibilização, divulgação e desenvolvimento da cultura transmontana".

Apresentação de «Orando con Sophia»

Amanhã (17 de Setembro), pelas 18 horas, no Jardim Botânico do Porto, ao Campo Alegre, a Editorial Amargord, de Madrid, vai lançar o livro «Orando con Sophia», uma antologia de poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen. Coordenada por Maria Celeste Natário e Maria Luísa Malato, da Universidade do Porto, esta edição bilingue reúne os poemas de Sophia que servem simultaneamente de poética e de breviário. O livro será apresentado pelo P.e Arnaldo de Pinho, Professor Catedrático da Universidade Católica Portuguesa.

João Álvaro Rocha evocado na Maia da forma mais nobre

O arquitecto João Álvaro Rocha, desaparecido em 2014, foi "homenageado e lembrado da forma mais nobre que um pensador do espaço e do tempo o pode ser", na Maia. Ao longo de uma semana de trabalho intelectual, docentes e discentes, equacionaram problemas e desenvolveram propostas de soluções, que resultaram na produção de substantivo conhecimento reprodutivo cuja utilidade vai perdurar para além do exíguo tempo em que ocorreu a iniciativa de homenagem, o Campus de Arquitectura, que teve lugar na Quinta da Gruta, integrada no Complexo Municipal de Educação Ambiental, espaço onde é visível a concretude do trabalho de requalificação arquitectónica dirigido precisamente por João Álvaro Rocha.

Labor omnia vincit improbus – Virgílio, *Geórgias*, liber, I, V. 145

O *Manuscrito* do século XIX, *Memórias de tempos idos*, de Joaquim Antunes de Azevedo, natural de Vilar do Pinheiro, escrito na freguesia de Vila Nova da Telha, entre 1828 e 1889 foi tornado público, na totalidade, em Julho de 2015.

O autor dirige os seus escritos ao Concelho da Maia, de então. Uma sociedade tipicamente rural, com forte desequilíbrio económico e social, dominada pelos detentores de terras, os Lavradores da Maia; politicamente, instabilidade política – as lutas liberais que as Terras da Maia conheceram muito bem. É neste contexto que o autor escreve as suas memórias.

Muitas das narrativas resultam da observação direta dos factos. Os relatos de situações do quotidiano são recorrentes. Raramente opina sobre factos, certamente por prudência, daí sabermos muito pouco sobre o autor. Pela escrita, não ficamos a conhecer o autor; ficámos, contudo, com a certeza de que a mensagem bíblica: *Unaquaeque enim arbor de fructu suo cognoscitur*. (S. Lucas, 6.44.) se aplica, na plenitude, a Joaquim Antunes de Azevedo e à sua obra.

As lutas liberais e o desembarque de D. Pedro, em Pampelido; a estrutura sócio económica; os mosteiros e centros de culto; os vestígios arqueológicos, curiosidades (registos de usos e costumes hoje desaparecidos) são alguns dos muitos temas tratados.

. O desembarque de D. Pedro em terras da Maia. Refira-se, como memória da sua passagem por Moreira, o episódio dos três 'efes', passado entre D. Pedro e o dono da locanda (venda),

"Então o que é peixe de três efes"?

"É faneca, fresca, frita".

O Sr. D. Pedro comeu e depois disse ao locandeiro:

"Não tenho aqui dinheiro para lhe pagar e então fica sendo o peixe de 4 'efes': faneca, fresca, frita, fiada".

. Os Lavradores

As casas de lavoura. O *Manuscrito* faz referências diversas a estas casas construídas ou reconstruídas, pela mão do brasileiro que voltou rico, ou pela do Lavrador. Um documento de excelência para se estudarem estes imóveis.

Estabelecemos relação entre estas reconstruções e a venda de gado para Inglaterra, explicitadas no 1.º vol. e ainda o dinheiro dos brasileiros de torna viagem.

Os casamentos 'apalavrados'. A preocupação em manter indivisos os bens levava a que os casamentos fossem uma espécie de contrato entre os pais dos nubentes. O autor nomeia a Casa de onde saem os nubentes e a Casa para onde vão casar.

Curiosidades:

O "piopardo", brincadeira de iniciação dos novatos no mundo adulto. *O engano que os rapazes e homens mais velhos faziam aos novatos era caçar o piopardo*. O novato, abandonado na mata, chamava: *"Pio-pardo, anda ao saco, piopardo, anda ao saco, que se te apanho faltam três para quatro!"*

Conclusão

A publicação deste documento é um marco decisivo para a investigação sobre aspetos relevantes da História Contemporânea.

Os objetivos do Clube Unesco da Maia perspetivaram homenagear o autor; cumprir um dever de cidadania, ao divulgar uma fonte de investigação importantíssima e ainda *"imprimir um impulso vigoroso à educação popular e à difusão da cultura"*. – Um dos objetivos da UNESCO.

Lourdes Graça

Tertúlias e música na Quinta de Bonjóia

Amanhã (17 de Setembro) a tertúlia das quintas-feiras na Quinta de Bonjóia, no Porto, integra-se no Ciclo Lusofonia, com José Manuel Soares Martins a abordar o tema «Camões e Fernão Mendes Pinto nos mares do Oriente». A de 24 de Setembro, inserida no Ciclo da Sociedade, terá como tema «Economia da Felicidade» e como orador Gabriel Leite Mota. Recorde-se que os Serões da Bonjóia têm entrada livre e início às 21h15.

Entretanto, no dia 20 de Setembro, às 17h30, a Quinta de Bonjóia acolherá o recital de música com Fernando Marques de Oliveira e Vila Navio, dos Ciclos de Recitais de Música (com entrada livre até ao limite da lotação da sala).

2.ª edição do «Cena Contemporânea de Matosinhos em Português»

Decorre de amanhã (17) a 30 de Setembro a 2.ª edição do festival de teatro «Cena Contemporânea de Matosinhos em Português», que – recorde-se – "nasceu com o intuito de destacar e promover o teatro e as artes performativas em Língua Portuguesa". Esta edição conta com quatro estreias e espectáculos do Brasil, Cabo Verde, Angola e Portugal. O festival é uma produção Cine-Teatro Constantino Nery/Câmara Municipal de Matosinhos e Luisa Pinto assume a Direcção Artística.

«Analista de Interiores ...Misteriosidade»

O novo livro do psiquiatra e psicanalista Jaime Milheiro, «Analista de Interiores ...Misteriosidade», é lançado no dia 24 de Setembro, pelas 18h30, na Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos. A obra, que "é um conjunto de ensaios sobre o funcionamento dos seres humanos nalguns temas essenciais", será apresentada pelos professores Júlio Machado Vaz e Manuel Sobrinho Simões e a sessão presidida pelo presidente da Ordem dos Médicos do Norte, Miguel Guimarães.

Uma tília para Agustina na Feira do Livro do Porto

O ciclo poético «Quintas de Leitura» regressa à Feira do Livro do Porto – a decorrer até 20 de Setembro no Palácio de Cristal – e associa-se à homenagem à escritora Agustina Bessa-Luís. Assim, amanhã (17 de Setembro), a partir das 22 horas, o auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett será o palco de «Uma tília para Agustina», "uma sessão no feminino: 16 mulheres em palco revelam, no fulgor das suas intervenções, alguns traços da obra de Agustina". A sessão de noventa minutos será "um espectáculo intenso e cativante", no qual Isabel Ponce de Leão e Maria do Carmo Mendes conversam sobre a obra e vida de Agustina com a radialista Inês Meneses; Ana Zanatti, Mónica Baldaque, Nassalete Miranda e Marlene Ferraz (vencedora, em 2012, do Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís) lêem fragmentos da sua obra, na companhia de muitas outras leitoras. Marina Pacheco, Olga Amaro e Teia Campos encarregam-se dos momentos de música da sessão cuja imagem é assinada por Tereza Castro Ribeiro e foi construída a partir de locais marcantes na vida de Agustina. A entrada é livre, sem necessidade de reserva de bilhetes.

De assinalar que esta é apenas uma das acções de homenagem à escritora portuense, de que podemos ainda destacar a exposição «Agustina Bessa-Luís: vida e obra», no foyer do auditório da Biblioteca Municipal Almeida Garrett. É uma mostra documental sobre a vida e obra de Agustina Bessa-Luís (15 de Outubro, de 1922, Vila Meã), num projecto produzido pelo Instituto Camões com o apoio da Guimarães Editores.

A Feira do Livro do Porto 2015 tem, entre variadíssimos motivos para uma visita, "uma exposição-homenagem", mas "também uma exposição-memória" a Luís Serpa (falecido a 16 de Abril 2015), que assumia a curadoria com André Serpa de «[Con]Texto». O vereador da Cultura, Paulo Cunha e Silva, explica no texto de apresentação da mostra: "Iniciámos um trabalho de colaboração com o Luís Serpa em meados de 2014 com o objectivo de apresentarmos esta exposição no Porto a partir de uma revisita às obras que foi coleccionando ao longo do seu percurso de galerista e que exploram o universo da Palavra nas artes visuais contemporâneas". «[Con]Texto» pode ser visitada na Galeria Municipal do Porto até 15 de Novembro.

No stand da Traga-Mundos - livros e vinhos, coisas e loisas do Douro (de Vila Real), autores convidados participarão, no próximo domingo e último dia da Feira do Livro do Porto (20 de Setembro), pelas 16 horas, na tertúlia «Trás-os-Montes e Alto Douro e os seus escritores».

«Botequim à beira da estrada»

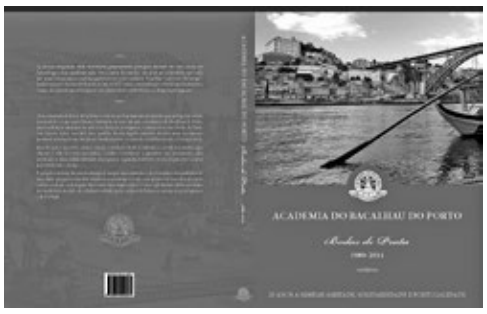
O lançamento do próximo livro de Ruben Marks, «Botequim à beira da estrada», terá lugar no dia 26 de Setembro, na Fundação Escultor José Rodrigues, no Porto. O lançamento, a partir das 18h30, será antecedido de um curto evento de dança, música e poesia.

Livro assinala 25 anos da Academia do Bacalhau do Porto

O almoço-convívio comemorativo do 26.º aniversário da Academia do bacalhau do Porto realiza-se no dia 20 de Setembro, às 12h30, na Quinta da Boucinha, em Vila Nova de Gaia. A ocasião, que encerra um ano de comemorações das bodas de prata da Academia, terá como ponto alto o lançamento do livro «Academia do Bacalhau do Porto | Bodas de Prata 1989-2014». A apresentação (pelas 15 horas) será feita pela directora do jornal As Artes entre As Letras (e comadre da confraria), Nassalete Miranda. A sessão conta ainda com Salvato Trigo, reitor da Universidade Fernando Pessoa, e será seguida da cerimónia da entrega dos galardões «Bacalhau de Prata».

"Realizado no ano em que a Academia do Bacalhau do Porto, uma instituição exemplar no país e na diáspora portuguesa, comemora as suas Bodas de Prata, este objecto único constitui uma partilha de um legado colectivo inscrito num movimento universal, alicerçado em três pilares fundamentais: a Amizade, a Solidariedade e a Portugalidade. Mais do que a narrativa sobre a criação e evolução desta Academia e a partir dos eventos que ritmam a vida dos seus associados, o leitor é convidado a descobrir um movimento, uma instituição e uma cidade imbuída de pequenas e grandes histórias, tecida de palavras e rostos que atravessam o tempo.

E porque a história de uma instituição é sempre uma aventura: a dos homens e das mulheres de bem-fazer que generosamente reuniram a sua



energia e todo o seu talento em torno de princípios e ideais comuns, cada página representa uma viagem pelos 25 anos que fizeram desta Academia um verdadeiro modelo de cidadania voltado para o pulsar do futuro ao serviço dos portugueses e de Portugal". Refira-se a obra, que resulta da vontade do actual presidente Honorário da Academia do Bacalhau do Porto César de Pina, conta com testemunhos de ilustre personalidades do país, de que o Presidente da República, Cavaco Silva, os presidentes das câmaras do Porto – Rui Moreira – e de Vila Nova de Gaia – Eduardo Vítor Rodrigues –, o Bispo do Porto, D. António Francisco dos Santos, e Marcelo Rebelo de Sousa são apenas alguns exemplos.

O convívio que assinala "26 anos a semear Amizade, Portugalidade e Solidariedade" será ainda complementado por uma exposição de pintura de A.Sinai (Maria Antónia Jardim) e de escultura de Margarida Santos.

«Sir Fernando Pessoa» apresentado em Bruxelas

No próximo dia 24 de Setembro, a Embaixada de Portugal em Bruxelas (Bélgica) recebe a apresentação do livro «Sir Fernando Pessoa | O Relógio de Bolso que esconde uma História». O primeiro romance de Maria Antónia Jardim, com Prefácio de Guilherme d'Oliveira Martins, vai já na segunda edição, enriquecida com uma (breve) explicação da editora Nassalete Miranda para uma nova edição, onde lembra que "não é porque uma obra esgota a sua primeira edição que se torna obrigatória uma segunda. Esta deverá acontecer quando o público leitor o exige, quando o livro é procurado, recomendado, falado". Mas esta segunda edição é ainda preenchida por excertos das apresentações que foram feitas da primeira edição no Porto e em Lisboa. Isabel Ponce de Leão, no texto a que chamou «Um caso de amor», assinalou que "Maria Antónia Jardim entendeu que em Fernando Pessoa a vida, o amor, a amizade, a língua, a realidade do mundo, a literatura, iam ser, pela vida fora, territórios estranhos, incertezas e nevoeiros a investigar". Através de «Uma leitura da obra» feita por Júlia Serra percebemos que "este livro é, sobretudo, uma aventura e um desafio entre as várias artes, focando cada uma, em particular, e procurando fusão ou transição para outras, sendo as mais entrosadas a escrita e a arte plástica". Por seu lado, Pedro Teixeira da Mota exorta, no seu texto «Um romance sobre Fernando Pessoa, o Mago», a que a autora seja admirada "por ter ousado entrar na intimidade do poeta, de ter recriado alguns aspectos da sua vida, apesar de toda a distância do tempo".

A apresentação em Bruxelas será feita por Nassalete Miranda, cuja sessão terá início às 18 horas.

Albano Martins
poeta

Outra vez obrigado *

O homem que sou e o poeta que, presumo, também sou sentem-se honrados com a homenagem que a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, num gesto de humana e tocante simpatia, acaba de me prestar. Eles, o homem e o poeta, não esquecem, porém, o que outro poeta, o latino Ovídio, desterrado no Ponto, escreveu no 27.º verso da elegia n.º 5 do Livro V das suas *Tristes*, elegias compostas durante o exílio nos primeiros anos do século I da nossa era. Isto diz o autor das *Metamorfoses: Nil homini certum est*, o que, em língua portuguesa, significa: "Nada para o homem é seguro". Ou, por outras palavras e em linguagem corrente: tudo é precário. Dessa precariedade participam, naturalmente, as acções humanas, sem distinção. Esta homenagem, como acto humano que é, a ela não escapa, por isso.

Vale esta homenagem, se julgo bem, como reconhecimento do mérito, por relativo que seja, duma obra que, no seu conjunto, oferece à atenção dos leitores e à consideração da crítica cerca de trinta títulos originais e outros tantos, ou quase, de transposição para a língua portuguesa de autores – de poetas – de outras línguas. Obra construída, ia a dizer, ao longo de seis décadas e meia de escrita e, por isso, de repetido comércio com as palavras. Porque a escrita, há que reconhecê-lo, é um árduo e persistente combate com a linguagem e, já agora, com a língua. O escritor – neste caso, o poeta – é uma espécie de Vulcano da fábula, que, na sua subterrânea forja, posta ao serviço dos deuses superiores, limava os metais com as ferramentas ajustadas ao seu ofício de ferreiro. Não é outro, creio, o ofício do poeta. Um conhecido oficiante das Musas, o latino Horácio, na sua celebrada *Arte Poética*, fala do *labor et lima* – "o trabalho e a lima" – como instrumentos essenciais do dito ofício.

Para além dos meus 65 anos de escrita, que neste ano de 2015 se completam, esta homenagem é, julgo eu, suportada por outros dois números: os meus 85 anos de idade, a completar em julho próximo, e os meus 46 de efectiva e ininterrupta permanência em território gaiense.

Quando, em Outubro de 1969, troquei Évora por Vila Nova de Gaia, nós – minha mulher, minha filha e eu – sabíamos que vínhamos para ficar. Ficámos. Gaia não era apenas, como sempre foi e continuará a ser, a varanda debruçada sobre o Douro, com o Porto à ilharga. A sua geografia oferecia ainda, então, a par de imagens de acentuado progresso urbanístico, algumas faixas e recantos onde era sensível o seu passado agrário, rural e pastoril e onde também era, por isso, remanescente um certo bucolismo de verde e poético significado. Ao cimo da Avenida da República, que antes fora de um qualquer general ou comandante do antigo regime, alguns animais roíam ainda, nos anos 60 do século passado, a erva tenra dos campos que resistia ao assalto das máquinas e aos avanços do cimento. Quarenta e seis anos volvidos, a fisionomia da cidade alterou-se. O cimento levou a melhor na luta pelo progresso. A cidade mudou, cresceu, modernizou-se. Também eu mudei, com os anos. Como o nosso velho Sá de Miranda, poderia dizer melancolicamente: "também mudando-m'eu fiz doutras cores". Ou, como o já referido poeta latino Ovídio, que do Ponto Euxino, isto é, do Mar Negro, lugar do seu exílio, escreve à mulher, a viver em Roma, nestes termos: "Já o declínio da idade me salpica de cabelos brancos / e as rugas da velhice me lavram o rosto". Gaia é hoje, para mim, uma parte desse rosto, dessas rugas e desses cabelos brancos e, se não foi o meu berço, tem sido o meu colchão e o meu habitat diários, isto é, a minha casa, a minha cama e a minha morada permanentes. Tanto basta para aceitar esta homenagem como reconhecimento de cidadania, alcançada em sucessivos anos de tempestiva permanência.

Volto ao princípio para dizer que, ao homenagear hoje um poeta, a Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia está a homenagear a poesia ela mesma e as suas raízes históricas, tão antigas e vigorosas como as próprias raízes literárias da língua portuguesa. Quando Vergílio Ferreira, num texto emblemático, proclamou "Da minha língua vê-se o mar", poderia ter acrescentado, com toda a propriedade, que dela se vê também a terra com seus montes, seus vales, seus rios, seus bosques e seus pomares. Organismo vivo, posto ao serviço de seres vivos, a língua carrega consigo os mundos todos: o visível e o invisível, o sensível e o que apenas se pressente, o audível e o inaudível. A língua é, além disso, um instrumento musical onde pulsam todas as variedades tímbricas. Ela é "tuba canora e belicosa", mas é também lira, flauta, harpa, celesta e violino. Nela cabem todos os sons – todos os tons – da escala e as suas modulações.

A língua portuguesa nasceu molhada: pelo sangue derramado nas campanhas da reconquista, primeiro; pela água dos mares vencidos pelas quilhas das naus das descobertas, depois; mas também pela água das nascentes – a água pura da "fontana fria" de que fala uma bonita cantiga de amigo de Pero Meogo que ecoa até hoje na nossa memória e permanece no nosso imaginário poético, quer dizer, no nosso tradicional e colectivo vocabulário lírico. Julgo que a minha poesia algo recebeu dessa água lustral e que nela vibram os sons da música saída das flautas e dos violinos da sua polifónica orquestra verbal. Talvez esses acordes, ouvidos a horas lentas dum quotidiano vivido ao sabor das correntes, tenham estimulado esta homenagem da Câmara Municipal. Eis o que me apraz assinalar e venho agradecer. Em primeiro lugar, à dita Câmara, nas pessoas do seu Presidente, Dr. Eduardo Rodrigues, do seu vereador da cultura, Dr. Delfim Sousa, e dos seus mais próximos colaboradores. Também ao director da Biblioteca Municipal, Dr. Alberto Moreira, pelo empenho posto na exposição biobibliográfica em que assentou esta homenagem. E a todos os que, com a sua presença, o seu testemunho e a sua colaboração, deram a esta um relevo e um significado transcendentes. Estão neste caso a pianista Sofia Lourenço, que, com a sua arte de eleição, encerrou com chave de ouro esta cerimónia, e o compositor António Pinho Vargas, que nos anos já distantes da década de 70 do século passado comigo se cruzou numa sala de aula do então Liceu de Vila Nova de Gaia – hoje Escola Secundária Almeida Garrett – e que, volvidos nove lustros, aqui veio trazer hoje o testemunho da sua amizade e do seu irrecusável talento.

Permitam-me, entretanto, que aqui dirija uma saudação especial e um especial agradecimento a Eduardo Lourenço, que, com a sua inteligência, a sua sensibilidade, a sua cultura e a sua clarividência, de há muito nos ensinou, entre muitas outras coisas, a ler os nossos poetas, a interpretar o nosso passado e a projectar o nosso futuro.

Bem-haja, querido Mestre e Amigo. Por ter vindo aqui. Por estar aqui. Por ser quem é.

E o meu sentido obrigado a todos.

NOTA

* Texto lido no dia 30 de Maio de 2015 na Casa-Museu Teixeira Lopes, de Vila Nova de Gaia, no encerramento da homenagem que lhe foi prestada pela Câmara Municipal da dita cidade.

NOTA

A «Torre das Palavras - Albano Martins», integrada no espaço Casa do Barro, já abriu na freguesia do Telhado, no Fundão.

PUB

[CON]TEXTO

A ARTE, A PALAVRA E O LIVRO

GALERIA MUNICIPAL DO PORTO

4 SET | 15 NOV

NANCY **DWYER**
CLAUDIA **FISCHER**
GERHARD **MERZ**
MICHELANGELO **PISTOLETTO**
HAMISH **FULTON**
JOSEPH **KOSUTH**
MIGUEL **PALMA**
LUISA **CUNHA**
GRAÇA PEREIRA **COUTINHO**
MARIE **BOVO**
LARA **ALMÁRCEGUI**
JUAN **MUÑOZ**
MIGUEL **NAVAS**
LUIS **CAMPOS**
PEDRO **CALAPEZ**

CURADORES:
LUÍS **SERPA** E ANDRÉ **SERPA**

© 1998 PEDRO **CALAPEZ** Auto retrato

PRODUÇÃO GRÁFICA
CROSSMEDIA DESIGN

APOIO
mds

MECENAS
fundação edp

ORGANIZAÇÃO
Porto.

00153
9 771647 290000

Crédito Pessoal BPI

Para os projectos da sua vida.

Conheça as condições do Crédito Pessoal BPI e saiba que para cada projecto da sua vida existem várias opções de financiamento. Consulte o simulador de crédito pessoal em bancobpi.pt e escolha a mensalidade mais ajustada ao seu orçamento familiar.

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI, www.bancobpi.pt e 800 22 10 22 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).

€ 13,15/mês por cada € 1.000 financiados a 120 meses, num empréstimo total de € 30.000. TAEG 11,9%.

TAEG 11,9% para um financiamento total de € 30.000, a 120 meses, com mensalidades de € 394,46. TAN fixa de 9,5% e MTIC de € 49.626,00 que inclui seguro de vida para um proponente. Valores válidos em Agosto de 2015.

BPI